

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS

ESTUDOS CAMONIANOS

II

O CANCIONEIRO

DO

PADRE PEDRO RIBEIRO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1924

O. CA. VICTOR BIRD

WILKINSON, WISCONSIN



CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

ESTUDOS CAMONIANOS

II

O CANCIONEIRO

DO

PADRE PEDRO RIBEIRO



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1924



8

OFERTA

315462

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares
numerados e rubricados

N.º 7

do papim algarvese

A 865416

NCB 621066

Do ^{grm} Sr. Senhor Dr. Jaime Cortesão, ilustre
Director da Bibliotheca Nacional,

com ânnimo grato offereço,
em nome da Imprensa da
Universidade,

proximo a favoravel

II

O CANCIONEIRO
DO
PADRE PEDRO RIBEIRO

XI/1924

105-

E. V.

P. 2

INTRODUÇÃO

Um Cancioneiro composto de poesias de Diogo Bernardes e Luís de Camões, aparentemente perdido sem ter sido explorado a fundo, e do qual subsiste apenas o *Índice*, em oito páginas *in-quarto* — eis o tema que será tratado aqui em dez vezes tantas fôlhas, e ainda insuficientemente.

Claro que presumo apurar nelas algo de novo e esclarecer alguns pontos escuros, comquanto, arquitectando de 1880 em diante pouco a pouco as minhas opiniões a respeito dos líricos portugueses dos séculos XVI e XVII, eu já tenha publicado sucessivamente numerosos ensaios críticos sôbre o assunto (1), no mais recente dos quais relativo ao *Cancioneiro Fernandes Tomás* toco em muitos dos problemas de autoria suscitados pela defeituosa construção das colecções manuscritas (1). Desta vez serão sobretudo observações relativas àquele magno processo insidiosamente e levemente instaurado em 1649, interrompido até 1689, renovado em 1779 e 1871, contra Diogo Bernardes, o mais bem e mais camonianamente dotado de todos os Bucolistas e Sonetistas do seu tempo e que por isso mesmo foi acusado de haver metido a sua foice em seára alhea, usurpando Eglogas, Elegias, Sonetos, Oi-

(1) *Estudos Camonianos I.*

tavas — um Parnaso inteiro do Mestre! Acusado por Faria e Sousa — o melhor conhecedor do Poeta, mas ao mesmo tempo o mais fanático e fantasioso fabulista-mor da literatura portuguesa que, adorando o autor dos *Lusiadas*, usurpava para êle as melhores composições líricas inéditas, e mesmo impressas, que encontrava.

Esse processo precisava de revisão. Porque, se as suspeitas lançadas contra Francisco Rodrigues Lobo e Fernão Álvares do Oriente se desvaneceram sem grande esforço, se Falcão de Resende, Vasco Mousinho de Quevedo, Baltasar Estação estão absolvidos do crime de plagiários, e se os poetas menores interessam pouco a crítica, as muito mais numerosas e violentas imputações lançadas contra o suave cantor do Lima subsistem ainda em parte. Sustentadas por T. Braga desde 1871 sem escrúpulos e critério, até que em 1907, ao conhecer o *Índice*, como conto expôr, mudou de opinião(1), servindo-se quanto aos pormenores, da crítica de Storck e da que traça estas linhas, elas subsistem ainda em muitos cérebros, abrandadas todavia.

O actual editor das obras de Diogo Bernardes contenta-se com dizer, no Prólogo de *O Lima*, que o notabilissimo poeta foi acusado por alguns de ter querido imitar Camões, seu contemporâneo, e de até lhe haver roubado diversas poesias. E só acrescenta que em todos os tempos tais imputações fôram e são uma prova de valor(2).

*

A vantagem de poder redigir êste *Estudo*, devo-a à

(1) No capítulo IV.

(2) Manuel de Sousa Pinto. Edição da Empresa *Diário de Notícias* — Lisboa.

generosidade do bem-conhecido bibliófilo lisbonense Martinho da Fonseca — aquele benemérito cultor das letras pátrias que, patrocinado pela Academia das Sciências, nos deu o útil *Dicionário de Pseudónimos e Obras anónimas de escritores portuguezes*.

Entre as aquisições que êsse bibliófilo fez pouco depois de haver publicado aquela obra, a-fim de completar a sua colecção de textos problemáticos, há uma *Miscelânea*, dentro da qual se encontra o *Índice do Cancioneiro Padre Pedro Ribeiro* elaborado em 1577, quer pelo próprio dono, quer por outro interessado, a cuja posse a colecção manuscrita passara (1).

Apógrafo do *Index* original da colecção, naturalmente, êsse escasso mas ainda assim precioso resto das poesias que o erudito Presbitero adquirira em Goa, em vida de Luís de Camões e Diogo Bernardes, entusiasmado pela veia dos dois príncipes da lírica portuguesa de Quinhentos, ensina-nos diversos factos relativos aos dois. No fim o colecionador juntara (ou um herdeiro do Cancioneiro juntara) composições de alguns poetas de segunda ordem, amigos-admiradores, imitadores e e rivaes dos Grandes — e finalmente três ou quatro das curiosidades arcaicas, legítimas e ilegítimas, em voga no seu tempo.

Repito que o próprio Cancioneiro parece perdido. Esteve, salvo êrro, ciosamente guardado nos primeiros lustros ou mesmo decénios da sua existência, digamos em vida de Faria e Sousa, o que seria até 1649. Pelo menos nem êsse, nem nenhum dos editores primeiros das

(1) Foi entre 1896 e 1898 que a comprou numa tabacaria da capital (Rua do Arsenal), onde o fadário tão caprichoso dos livros e códices fizera parar o grosso volume.

Rimas o conheceu(1). Só no século XVIII, entre 1744 e 1751, fôï manuseado e aproveitado, bibliograficamente por Barbosa Machado, conforme resulta das minhas pesquisas. Arderia por ocasião do terremoto (1755). E, se por ventura se salvou, quer desagregado, quer juntamente com outras partes da livraria dos Duques de Lafões, em que entrara e onde o autor da *Biblioteca Lusitana* o explorou, êle continua bem escondido pelo silêncio que os possuidores guardam a seu respeito. Facto é que até hoje, ninguém chegou ainda a vê-lo, quer na Biblioteca da Ajuda, para onde dizem que foram livros dos Duques, quer algures, entre os restos ainda mal conhecidos que da livraria conservam os descendentes.

Ao bibliófilo lisbonense, esperto em catalogar, deixo a respectiva pesquisa que pessoalmente não posso realizar no Arquivo de D. Caetano de Bragança.

As quatro fôlhas não constituem um caderno independente; são parte de um todo: começam no meio de uma página da Miscelânea (f. 187 v.), e estão incorporadas nela como parcela de uma *Biblioteca Portuguesa* (2) para a qual um Anónimo ia preparando materiais na metade segunda do século XVII.

A meu pedido o E^{mo}. Sr. Martinho da Fonseca emprestou-me o volume sem condições. E um decénio antes já o havia cedido temporariamente a T. Braga. Êsse elucidou o dono sôbre o valor do *Índice*, e escreveu a

(1) Possível seria que Soropita (1595) e Estevam Lopes (1598) houvessem tirado da colecção de 1577 as composições que são comuns às suas edições e ao *Índice*. A hipótese é todavia pouco provável em vista das numerosas peças que não lhes são comuns.

(2) Não digo *Lusitana* para evitar confusões com a de Barbosa Machado.

respeito dele um estudo, infelizmente sem o devido cuidado. Um Capítulo do volume XIII da *Historia da Literatura Portuguesa: Camões Obras Lyricas e Épicas*. Nele mostra que o Índice consta dos versos iniciais de tôdas as poesias que perfaziam o Cancioneiro, partidas em uma lista bernárdica, outra camoniana, e outra terceira suplementar, de versos dos poetas menores. A quem souber ler com atenção elas ensinam quais são os Sonetos, as Elegias, Êglogas etc. que eram atribuídas em 1577 a Bernardes, e quais a Camões, pelo menos naquelas folhas, avulsas ou já reünidas em caderno, que haviam servido de fonte ao Padre Pedro Ribeiro. O estudo que o incansável historiador da literatura portuguesa — cujo fim pranteamos neste princípio de ano em que tiro a limpo o meu *Ensáio* — dedicou ao conjunto das composições é um extenso Capítulo da sua última publicação camoniana: *Obras Liricas e Epicas* (1), como já disse. Mas as informações dadas não esclarecem suficientemente. Incompletas, mal ordenadas, estão cheias de erros, e irritam — por saltos, repetições e contradições nas listas, assim como por soluções dúbias dos numerosos problemas de autoria. Nada ou quasi nada se estabelece a respeito dos poetas menores (2). A falta de listas alfabéticas, única espécie que o leigo consulta com proveito, complica todos os cálculos. E com cálculos errados Teófilo falsifica o aspecto do problema essencial. A saber: se houve

(1) Vid. p. 130-240: *O Parnaso de Luiz de Camões I Canon Camoniano. II Edições das Rimas e Apocryphos Camonianos* (1907 e 1911).

(2) Talvez porque o historiador da literatura pátria já se tinha ocupado deles nos princípios dos seus estudos (em 1874), e posteriormente não apurara novidades?

plágios de originaes camonianos, conforme foi costume afirmar de 1645 até hoje, principalmente pela bôca de Faria e Sousa e a de T. Braga que me costumei a chamar segundo Faria e Sousa; ou se há apenas attribuições falsas, versos apócrifos ou *de autor incerto*, como eu tenho classificado, de 1880 em diante, as poesias que, aparecendo impressas e em Cancioneiros de mão como criações de metrificadores menores, foram entremetidas nas *Rimas* do Príncipe dos Líricos por editores delas, pelo simples motivo de serem belas e dignas de Camões.

Êrro importante de cálculo, contido nas *Obras Líricas e Épicas*, a respeito do Cancioneiro dedicado aos dois grandes Sonetistas é p. ex. o seguinte: T. Braga afirma — (a p. 143) que *quinze* Sonetos — andam *repetidos* nêle, sendo dados primeiro como obra de *Limiano* e depois como obra de *Liso*. Mas realmente há na lista que dá, apenas dois que estão neste caso:

Todo animal da calma repousava
(p. 160)

e

Já a saudosa aurora destoucava
(p. 160)

conforme mais abaixo mostrarei. Ambos de Camões, e nunca metidos por Diogo Bernardes nas suas publicações. A respeito de *treze* dá portanto informações falsas!

A meu ver, o historiador confundiu os apontamentos extraídos recentemente do *Índice*, com outros antigos da sua lavra, relativos à larga série de Sonetos de Bernardes, que voluntariosamente tinham sido metidos no século xvii nas *Rimas* de Camões, muito embora uma percentagem elevada já tivesse sido publicada anterior-

mente como original de Bernardes nas *Flores do Lima* e nas *Rimas ao Bom Jesus* — factos demonstrados parte por Storck e parte por esta sua amiga e colaboradora.

Assim enganou-se, e enganou-me a mim, e por mim o ilustre tradutor italiano Tommaso Cannizzaro que, nas Anotações à sua bela nacionalização dos Sonetos todos, repetiu tais afirmações erradas, hesitando embora (1). No futuro, claro que poderiam e poderão ser enganados outros leitores se não houver reclamações e rectificações da parte de quem como eu, revisionou escrupulosamente as indicações relativas ao *Índice*. Com o propósito de emendar êsses e de evitar outros êrros e sobretudo as deducções falsas deles tirados é que estou a redigir o novo Estudo (2).

É inexacto que *Todo animal da calma repousava* seja atribuído a Bernardes na colecção de que trato.

Inexacto também, que *Doces aguas do Tejo* esteja atribuído a ambos (p. 146).

Agradável surpresa foi, ainda assim, para mim, e deve ser para todos quantos amam a poesia portuguesa — satisfação a qual de resto já apregoei com alegria e louvor — que no Capitulo indicado (3) T. Braga se desdiz finalmente daquele ódio e das tremendas acusações contra Diogo Bernardes que, herdeiro e successor de Faria e Sousa, sustentara de 1871 em diante. Reconheceu que errara. E confessa-o. Aquilo que não

(1) Vid. Luís de Camões I *Sonetti, Versione Italiana de T. Cannizzaro* — Bari 1913. É o que nela se diz a respeito dos N^{os} 70, 82, 186, 185, 282 etc. etc.

(2) Das minhas dúvidas imediatas sôbre a exactidão das afirmações de T. Braga, dá fé p. ex. a nótula de que só me contentaria uma reprodução fotográfica das oito páginas do *Índice*.

(3) *O Canon Camoniano* (p. 138-160).

vira, ou não quis ver (1) nas provas dadas de há muito por Storck e por mim, viu-o agora no *Índice* do Cancioneiro. Mas, por não descer até às raízes da árvore das calúnias plantadas por Faria e Sousa, ainda hesita de vez em quando. No fundo do seu espírito ficaram restos das antigas crenças. E propaga erros novos.

Das repetições de textos — effectivas, conquanto muitíssimo exageradas por êle com relação ao Cancioneiro de 1577 (2) — deduz a antiguidade da tendência dos quinhentistas de confundirem Sonetos que são camonianos apenas por afinidade ou imitação, com os que verdadeiramente são de Camões. Por causa da comunhão sentimental portanto.

Sem negar essa afinidade e essa imitação — a vaga melancolia comum, o amor teòricamente platónico, o panteísmo místico, o que distingue o Príncipe dos Poetas (3), eu sou de parecer que exactamente em Bernardes há *poucas* imitações. O talento do meigamente ingénuo e suavemente melancólico cantor do Lima é original. Nas margens do brando rio, na paisagem idílica do Minho, onde passou a infância e a mocidade, em contacto íntimo com uma natureza idílica, tècnicamente doutrinado por Sá de Miranda, que lhe ensinou a arte de Sannazzaro, Diogo Bernardes aprendeu a ser Bucolista de veras — superado nesse ramo só por Rodrigues Lobo, e designado pelo grande Lope de Vega como verdadeiro Príncipe dos Bucolistas.

Quem olhar de perto com acribia para as *Églogas*,

(1) Na *Historia de Camões* II.

(2) Já indiquei que êle fez quinze de dois Sonetos repetidos.

(3) Segundo a moda tão vistosa mas muita vez só teatral do Renascimento.

Elegias, Canções e os Sonetos que são nunca contestada propriedade de Camões, isto é para as admiráveis obras-primas que o próprio T. Braga havia explorado para esboçar a filosofia do genial poeta (1), e que J. M. Rodrigues aproveitou para reproduzir as ideias do ínclito autor dos *Lusiadas* (2), se depois passar aos textos duvidosos, notará nêles, por belos que sejam, certa melancolia vaga, isso sim, e reflexos platônicos como já assentei, mas não os altivos pensamentos nem o vigoroso modo de dizer do sempre loucamente apaixonado que escreveu o admirável Soneto

Amor é um fogo que arde sem se ver

e o Capítulo sôbre as propriedades do Amor:

*Amor não é amor, se não vier
com doudices, deshonras, dissensões,
pazes, guerras, prazer e desprazer.*

*

À vista das repetições nas duas listas principais do Cancioneiro de 1577 (3) (quinze no falso catálogo de T. Braga, só dois no meu verdadeiro) aqueles mesmos distintivos de comunhão sentimental que sempre tinham servido de material acusador contra Bernardes, (j porque a mais leve sombra de espírito idealizador era apanágio exclusivo de Luis de Camões!) transformaram-se agora

(1) P. 11-43. *A doutrina do Amor.*

(2) Sobretudo em *A Infanta D. Maria.*

(3) Na terceira lista dos poetas menores há também repetições e erros, como mostrara.

em material e voz a favor do suave cantor do Lima. Se já em 1577 Sonetos platónicos como

Contente vivi já

(p. 143 e 144)

e

Novos casos de amor

(p. 144)

eram metidos por um conhecedor como o Padre Pedro Ribeiro na lista de Bernardes, é preciso concluir que eram realmente dele! Lógica de Teófilo! Tanto mais assim que nas *Rimas* de Camões entraram *per-nefas*, só por causa da tal comunhão de sentimentos, diversos outros Sonetos de igual têmpera, mas que são positivamente de Bernardes, segundo a palavra reflectida do próprio, como editor e autor, da qual não temos o direito de duvidar. Entraram pouco a pouco: em 1595, 1598, 1611, 1668, 1685, 1681: tendo figurado nas *Flores do Lima* (1596) e nas *Rimas ao Bom Jesus* de Limiano (1594). — Por exemplo *Que doido pensamento — Os meus alegres dias venturosos — Horas breves do meu contentamento*. Por serem belos, (mais uma vez o digo), por terem sombras de melancolia, mas principalmente porque os editores, empenhados em vangloriar-se por haverem ;com imenso trabalho! descoberto novos Inéditos e feito avultar o pecúlio do Poeta, se deixaram enganar por coleccionadores mais ou menos fidedignos de *Cancioneiros de mão*. — T. Braga vai todavia agora ao extremo: Sem examinar criteriosamente as atribuições do Padre, aceita-as em globo. Basta-lhe hoje ter êsse sido coevo de Camões para ser « fidedigno, cuidadoso, impecável ». E quanto à psicologia também regressa até certo ponto à explicação poética dos plá-

gios e furtos que dera em 1873 e 1874, virando-a todavia ao avêso. Então eles se realizavam do modo seguinte: os poetas menores copiavam obras do Mestre. Copiando-as, decoravam-nas. Sabendo-as de côr recitavam-as na côrte, e inscreviam-nas nos *Álbuns das Damas* — como se fôsem trabalhos seus próprios! — Hoje é a mesma comunhão sentimental que levou Bernardes a enviar ao colleccionador longínquo, entre os seus versos, outros versos de Camões, sem indicações precisas.

*

O que na realidade pode deduzir-se racionalmente do *Índice*, tentarei expô-lo nas minhas *Anotações*.

Mas desde já digo que muitos casos foram deturpados por T. Braga e outros muitos ficam por resolver. Em geral, (embora em grau menor, por ser de poucos autores) confirma-se a respeito do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro o que eu já notara com relação a Cancioneiros em geral. Houve uma incúria inqualificável na conservação do património lírico quinhentista, um desleixo na colleccionação que causa dó, e uma indifferença extrema não quero dizer pela obra, mas pelos obreiros. Avêso feio de grandes qualidades que distinguem os poetas da côrte de D. João III. Houve uma bizzarra isenção de ricos, pois dispersavam os seus versos, familiarmente, enviando-os, no caso melhor ceremoniaticamente aos Mecenates, mas em regra a amigos e damas, sem os marcarem claramente com o seu nome e sem os trasladarem primeiro para um grande Livro Autógrafo, de Razão, como o Cartapácio de Gil Vicente, com datas exactas — e explicações formais em epígrafes

que mais tarde teriam facilitado a coordenação final, a impressão, e verificações em casos duvidosos.

Poética desordem, da qual resultou que (com poucas excepções como Bernardes, António Ferreira, Montemor, e Andrade Caminha) até certo ponto os poetas todos da idade áurea de Portugal deixaram de nos legar o *texto-estandarte* das suas criações, suprimindo, como era seu direito, tudo quanto não achavam próprio para a publicidade, e escolhendo as lições que preferiam. Resultou indirectamente também que cada amador de poesia colleccionasse, entre 1550 e 1650, por sua conta e risco, traslados de obras-primas, e confeccionasse o seu *Cancioneiro de mão*, mais ou menos criteriosamente ou atabalhoadamente. Resultaram infinitas variantes. E atribuições erróneas.

*

Afim de apurar os factos positivos, relativos ao *Cancioneiro*, seu *Índice*, e o *Padre Pedro Ribeiro* vou apresentar ao leitor em primeiro lugar uma reprodução diplomática do *Índice*, acompanhada das notas que lhe acrescentou o compositor anónimo da tal planeada *Biblioteca Portuguesa* que o conservou, salvo erro. Tão isenta de defeitos como teria saído uma fotografia.

Em seguida vou reduzi-lo a listas alfabéticas para todos terem a possibilidade de fiscalizar os meus assentos e cálculos, assim como os alheios, isto é os de T. Braga.

Mostrar-lhes hei depois os erros que há no *Índice*. Para que acredite na sua existência bastará dizer-lhes que um Soneto conhecidíssimo de Sá de Miranda é

atribuído a Bernardes. Examinarei tôdas as autorias duvidosas. E quando me não fôr dado resolver os problemas, restringir-me hei a coordenar os textos problemáticos em listas especiais.

O meu fim principal é contudo esclarecer o problema bernardiano, em especial quanto a Sonetos.

Vou preceder todavia êsses Capítulos relativos ao Cancioneiro de 1577, com mais algumas observações gerais sôbre Cancioneiros de mão, sem me arrependeu ou avergonhar de repetir ideas que já expendi nesta introdução e diversas vezes em outros escritos, por todos êles serem ainda pouco espalhados, e as ideas por isso mesmo mal conhecidas, visto que parte deles estão redigidos em alemão.

Procedendo assim, fundindo o que o Índice me ensinou com o que eu já apurara no exame de outros Cancioneiros, sobretudo no trabalho recente relativo ao *Cancioneiro Fernandes Tomás*, julgo e espero amortizar a dívida contraída com o Sr. Martinho da Fonseca.

*

O volume que contém o *Índice* veio-me à mão providencialmente, no dia 24 de Maio de 1919. Isto é no principio das férias extraordinárias da Universidade de Coimbra a que foram obrigados estudantes e professores pelo Decreto N.º 5770 do então Ministro de Instrução Dr. Leonardo Coimbra que, baseando-se em boatos sôbre o reaccionarismo dos professores da Universidade, propagados por malévolos, resolvera desagregar e transferir a Faculdade de Letras da antiga *Alma Mater Portuguesa* para a moderna do Pôrto — plano que felizmente não se realizou.

Aproveitei o ócio inesperado; não em viagem a Roma que me fôra oferecida e onde tanto teria gostado de salvar outro preciosíssimo Cancioneiro português, felizmente agora salvo, graças às minhas instâncias — o de Colocci-Brancuti — mas sim, estudando os materiais contidos na *Biblioteca Portuguesa* nêle contida, e em particular o *Índice* relativo a Bernardes e Camões, afim de provar por mais um trabalho meu individual que os lentes-catedráticos de Coimbra trabalham, como é seu dever, *livrescamente*, isso sim, mas *progressivamente*, tentando deduzir da tradição ensinamentos úteis para a vida moderna.

Escrito no Pôrto, a 15 de Julho de 1919.

Trasladado em Fevereiro de 1924 depois do falecimento de Teófilo Braga, quando o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* estava em viagem de Roma para Lisboa, onde a 26 entrou na Biblioteca Nacional, festivamente acolhido.

CAPÍTULO I

CANCIONEIROS PORTUGUESES

Estrangeiros e nacionais tem mais de uma vez formulado a pergunta por que motivo os historiadores da literatura portuguesa ligam tamanha importância ao Cancioneiro de 1577 em especial? e em geral a todos os Cancioneiros manuscritos?

Singelissimamente podia-se responder: porque o Cancioneiro de 1577 continha (ou contém) uma porção notável de versos de Luís de Camões e de Diogo Bernardes, isto é dos dois Príncipes da lírica quinhentista, colleccionados e por ventura trasladados *manu-propria* por um letrado também poeta; e isso antes do aparecimento das primeiras edições das *Rimas* de ambos que, redondeando, podemos fixar em 1595 (1), e antes que se houvesse discutido sobre a autoria dos textos.

Com relação à segunda pergunta eu responderia: devemos estimar e estimamos os Cancioneiros de mão porque todos os que subsistem encerram composições nunca impressas e, quanto as que foram publicadas, não somente variantes dos poemas de aqueles dois vates magnos, mas também de numerosos poetas me-

(1) As datas exactas são: *Bom Jesus* (1594); *Flores* (1596); *Lima* também 1596. *Rimas* de Camões, ed. Soropita (1595); ed. Estevam Lopes 1598.

nores coevos, e de seiscentistas que os imitavam e se saíram tão bem dêsse empenho que a insânia crítica de alguns dos editores attribuiu obras deles ao próprio Camões, em regra sem lhes emendar os defeitos criteriosamente, mas no caso de Faria e Sousa *camonizando-os* propositada e hábilmente.

Claro que o sistema de Faria e Sousa fez escola. Ainda há pouco Delfim Guimarães attribuiu a Luis de Camões uma Glosa anónima de *Pensando-vos estou filha de* Bernardim Ribeiro, contida no Cancioneiro Luis Franco e conhecida de há muito, mas segundo o meu sentir, sem qualquer vestígio de sensibilidade camoniana (1).

A tam concisa resposta replicariam (e têm replicado contudo) — os consultantes ¿ por que motivos não foram impressas pelo menos as obras líricas da época áurea, ou clássica, pelos seus próprios autores? ¿ Como foi que, com pouquíssimas excepções, não lhes deram a feição que quizeram, tivessem perante a posteridade? Serão os Cancioneiros manuscritos realmente uma instituição nacional? Avaliariam os Portugueses a arte das artes de modo diverso das restantes nações neo-latinas? Mais alto? ou mais baixo? apenas como prazer de intimidade? mero entretenimento pessoal ou de um pequeno grupo de intellectuais, quer palacianos, quer togados? Não apreciavam a publicidade pelo seu verdadeiro valor? Anteporiam manifestações da arte de comunidade ou de colectividade popular à arte individual? E será êsse traço a resultante do democratismo do carácter nacional que dá à lírica portuguesa o seu

(1) Entre as poesias de Luis de Camões não há Glosas extensas. Apenas meia dúzia de curtas e brincadas.

innegavel feito particular: popular, comum, nacional. Se os poemas épicos (1) entraram no prelo logo depois de compostos, e igualmente prosas históricas e romances, e bastantes dramas, forçoso é procurar resposta à pergunta sôbre as obras líricas.

No primeiro período o círculo dos metrificadores, embora abrangesse numerosos individuos, dos reis abaixo — trovadores, segreis, jograis — era restrictamente palaciano. Nas obras escritas nêle, quer redigidas em estilo áulico, quer em estilo popular, as formas e as ideas eram de tal semelhança que foi possível tomar-se o fragmento de uma colecção de trinta e oito individuos pelo *Livro de Trovas* de um só! Um só, de cuja actividade trovadoresca haviam falado os antigos *Livros de Linhagem* pelo motivo de êle ser bastardo de D. Denis e Conde de Barcelos.

E num só *Livro de Trovas* — (tal é o nome arcaico do *Cancioneiro*) — estão efectivamente reunidas duas mil entre *Cantigas de amor, de amigo e de escarnho e maldiçer* que cento e cinqüenta versificadores haviam composto, de 1175 a 1350 (2). Ninguém ignora que os três exemplares que subsistem e se completam felizmente, se chamam *Cancioneiro da Ajuda, Cancioneiro da Vaticana, e Cancioneiro Colocci-Brancuti*; membranaceo o primeiro, sem música e sem os nomes

(1) Depois dos *Lusiadas* (1572) saiu o *Segundo Cerco de Diu* (1574) e a *Austriada* de Jerónimo Côrte-Real (1578), a *Elegiada* de Pereira Brandão (1588); e o *Primeiro Cerco de Diu* de Francisco de Andrade (1589).

Para exemplo basta, creio eu.

Já nos fins do século xv um poema filosófico como o *Desprezo do Mundo*, do Condestável D. Pedro tinha entrado no prelo.

(2) Em Florença ainda há outro, incompleto.

dos autores; cartáceos, apógrafos de 1500, também sem musica os outros dois, mas felizmente com indicação dos autores.

Na segunda época, assinalada pela admirável invenção de Guttenberg, a qual teria permitido a cada poeta a publicação da sua obra individual, contanto-que fôsse de valor e certo vulto, o círculo dos que cultivaram a *gaia* sciência, para desenfado seu, mas também de reis, magnates e damas da côrte, continuava a ser essencialmente palaciano, mais restrito do que dantes porque os costumes do tempo dificultavam a entrada nos paços régios.

Um homem da côrte, o jovial Garcia de Resende reuniu então num in-fólio e mandou imprimir em 1516 uns duzentos e tantos cadernos e cadernetas com algumas coisas sérias e muitas bagatelas de folgar, compostas entre 1450 e 1516. Só textos, embora muitos palacianos cultivassem a música. Em grande parte estranha mistura de realidades e de fantasias. E embora os termos técnicos mais usados continuassem a ser *trovas* e *trovar* e *trovador* (1), Resende deu todavia à sua colecção o título neo-latino de *Cancioneiro* (2). *Cancioneiro Geral*, porque no reino vizinho (onde de há muito os intellectuais costumavam empregar o termo) saíra em 1511 o *Cancioneiro General* de Hernan de Castilho.

Nos cancioneros típicos manuscritos — a princípio membranáceos, como o da Ajuda, posteriormente em

(1) Gil Vicente era *trovador* e *Mestre da Balança*, segundo os dizeres de um documento.

(2) Derivado de *Cantione*: *Canzoniere* em italiano; *Cançonner* em provençal e catalanescos; *Chansonnier* em francês; *Cancionero* em castelhano; *Cancioneiro* em português, como se vê no texto.

papel de linho de formato grande — achavam-se sempre reunidas obras de poetas de certo reinado, ou de certa côrte, bem ou mal ordenados (1). No *Geral* de 1516 estão as trovas (e poesias) que tinham sido confeccionadas na côrte do Regente D. Pedro, D. Afonso V, D. João II e nos serões ou para os serões famigerados do faustoso sibarita que se chamou D. Manuel, tanto ao completo que em pouquíssimas *Miscelâneas* se encontram complementos (2).

*

Os passos gigantescos que a civilização deu na era das descobertas e conquistas em todos os ramos do saber; o exuberante desabrochar de artes e letras ou seja do Humanismo e Renascimento com o seu cultivo carinhoso tanto da língua-mãe como das vernáculos; a independência que o indivíduo conseguiu material e espiritualmente, e *last not least* os progressos da arte de imprimir modificaram por completo os costumes, o âmbito e o saber dos poetas, assim como as artes falantes.

Embora em Portugal, pela inércia do costume, o contacto dos letrados com a côrte continuasse no tempo

(1) O *Cancioneiro Estuñiga* p. ex. contém composições da côrte aragonesa durante a sua estada na Itália. O *Cancionero de Baena* contém poesias galegas e castelhanas da côrte de D. Juan II. O seu título é «Cancionero de Poetas Antiguos que fizo e ordenó e compuso e acopiló el Judino Johan Alfon de Baena escrivano e servidor del Rey Don Juan, Nuestro Señor, de Castella».

(2) Musicalmente há alguns no *Cancionero* publicado por Barbieri, no de Upsala, etc. Quanto a textos ainda não tive oportunidade de examinar em Madrid um manuscrito com poesias de cento e oito autores que lá se encontra. — Provavelmente traslado incompleto do *Cancioneiro Geral*.

de D. João III (1) e os irmãos dêle, assim como de seu filho o Príncipe D. João, protector natural dos poetas líricos da escola nova italiana, a reunião num só *Cancioneiro* de tôdas as criações efectuadas depois de 1516 — melhor será dizer depois do regresso de Sá de Miranda da Itália (em 1526) digamos até 1580 ou 1600 — teria sido materialmente impossível. Mesmo repartidas em composições à maneira espanhola ou peninsular, em verso de medida velha, e em composições em hendecassilabos ou à maneira italiana, não cabem em senhos volumes.

O *Cancioneiro* deixou por isso de ser o que fôra. Ficou sendo uma colecção, ou antes uma selecção particular de poesias feita por um amador, em geral nobre e letrado, que *manuprópria* as ia lançando em um infólio a isso destinado, ou às suas ordens as fazia inscrever por um seu capelão, tesoureiro, secretário. Só para seu uso e gôzo espiritual e dos seus familiares e amigos. Sem fim industrial.

Fidalgo que se prezasse tinha naquele tempo o seu *Nobiliário* e o seu *Cancioneiro*.

*

Outras vezes um *Cancioneiro* era apenas a colecção de versos do próprio autor que os recolhia para um Mecenas ou os dedicava *ad sodales*.

Com o intuito de os fazer imprimir parece que ia juntando as melhores obras dos coevos, o suave cantor

(1) A lista das obras dedicadas a D. João III (e a D. Caterina) é de tal ordem que êle mereceria realmente o título de Rei-Mecenas se soubessemos que recompensava generosamente os letrados.

do Lima, que devemos imaginar humanamente relacionado não sòmente com Sá de Miranda, Andrade Caminha, António Ferreira, os Sás de Menezes, mas com muitos outros cujos versos desapareceram como os do Dr. António Castilho, o Duque de Aveiro, Francisco de Andrade, etc., etc. (1). Na Carta em terça-rima a D. Gaspar de Sousa Coutinho, sobrinho de Cristóvam de Moura, (a xxxª do *Lima*), expõe o seu plano

... De juntar os bons versos vos prometo
dos poetas insignes lusitanos
aprovados por Febo —

Mas não seria só o ócio quieto das Musas que lhe faltou, a vastidão da emprêsa impossibilitaria a sua realização.

Por isso mesmo não possuímos nem um só *Florilégio* clássico impresso que emparelhe p. ex. com as *Flores de Poetas Ilustres de España*, colhidas por Pedro Espinosa e D. Juan António Calderon (2). ¿Para que cuidar da publicação de versos de estranhos, se êles próprios não o haviam feito, nem os seus descendentes o faziam, e coordenavam, limavam e caligrafavam as suas poesias líricas, apenas — já o disse — quando o Rei, o Príncipe herdeiro, um Infante, ou filho de Infante solicitava com interêsse a remessa delas?

Exemplos: Sá de Miranda, que por três vezes mandou

(1) T. Braga foi temporariamente da opinião nada improvável que Bernardes e Camões trocavam os seus versos.

(2) Impressas em Valladolid, 1605. Reimpressas em 1896 (Sevilha) por D. Francisco Rodrigues Marin. Em diversos opúsculos demonstrei que há nessa bela colecção Sonetos de Camões postos em castelhano; demonstrações que como infinitas outras minúcias entraram no *Camões* de T. Braga...

cadernos autógrafos ao Príncipe D. João (1): — e Pedro de Andrade Caminha que ia dedicando as suas obras ao Senhor D. Duarte (2). Exemplo também Gil Vicente, no campo dramático, que todavia não terminou a recopilação dos seus *Autos* num grande cartapácio, conforme D. João III lhe recomendara, de sorte que foi só no reinado do neto D. Sebastião que, com privilégio dêle, os filhos Paula e Luís os publicaram. Caso raro em Portugal.

E sòmente quando magnates pediam ou impunham a impressão é que os poetas se abalçavam a tal aventura. Receosos como Jorge de Montemór, que em 1554 dirigiu as suas estreias, tanto profanas como de devoção, a *los muy altos y muy poderosos Señores Don Juan y Doña Juana, Principes de Portugal* (3), expondo no Prólogo o seu mêdo de ser mal recebido pelo público, e censurado pelos colegas. Nem mesmo, se realmente tinham sido coordenadas, limadas e caligrafadas pelos autores, as *Rimas* dos Quinhentistas entraram sempre logo no prelo. — Exemplos de demora são outra vez Gil Vicente, cujos manuscritos esperaram quatro a cinco lustros pela tardia glorificação; o Velho da Tapada, cujas *Rimas* saíram em fins do século, por iniciativa de parentes e amigos, quasi quarenta anos depois do falecimento dêle; o Dr. António Ferreira com os *Poemas Lusitanos*, impressos em 1598 pela dedicação do filho. Andrade Caminha, que teve edição incompleta de seus versos, pelo zêlo da Academia... em 1791. Frei Agostinho da Cruz que teve

(1) Veja-se a minha edição das *Poesias* de Sá de Miranda.

(2) Veja-se a Introdução que precede as *Poesias Inéditas* de Caminha publicadas por Dr. J. Priebsch.

(3) O filho de D. João III casado com a irmã de Filipe I.

de esperar até 1771; Falcão de Resende cujos textos vieram à luz em 1860. ; Incompletos ainda hoje!

As causas estão nas vicissitudes políticas: em primeiro lugar na fatal morte prematura do herdeiro da corôa — aquele já mencionado Príncipe D. João, em cujo espírito juvenil dois aristocráticos admiradores e adeptos de Sá de Miranda tinham acordado o desejo de, como Mecenas soberano, chamar a si tôda a pléiada brilhante de 1550, começando com o introdutor do hendecassilabo e do *dolce stil nuovo*; a menoridade de D. Sebastião, derrota de Alcácer-Quebir, senilidade do Cardeal Infante, etc.

O falecimento em 1554 daquele Mecenas chorado em elegias e églogas latinas e neo-latinas como nunca, em país algum, rei morto fôra lamentado e adulado(1), cortou pela raiz as esperanças e aspirações dos Quinhentistas.

Ainda assim, o exemplo de Luís de Camões que como poeta épico incitou poderosamente os espíritos (2), se depois dos *Lusiadas* houvesse dedicado o seu *Parnaso* a D. Sebastião, teria chamado ao terreiro lírico todos quantos tinham Cancioneiro em casa: exactamente como o estilo grandiloquo da epopeia nacional e o clássico dos poemas latinos de Resende e Coelho, e o romântico dos Amadises e Palmerines havia inspirado imitadores, o verso humilde das Églogas, Elegias e Redondilhas teria inspirado mais de um e

(1) Falei disso no Sá de Miranda, p. 739 e seg.

(2) Poemas épicos imediatos aos *Lusiadas*, são p. ex. o *Segundo Cerco de Diu*, de Cortereal (1574), a *Austriada* (1578), o *Naufrágio de Sepulveda* (1594-1589); a *Elegiada* de Pereira Brandão (1588) o *Primeiro Cêrco de Diu*, de Andrade. Já dei mais acima essa lista das principais epopeias.

dado a muitos a confiança de se sair com os seus ensaios.

Do desaparecimento funesto do *Parnaso* falarei no Capítulo immediato.

Por ora tenho de acrescentar que no retraimento tão prejudicial dos poetas líricos influíram ainda além da falta de um novo César Augusto (1), e de um modelo exemplar, diversos outros motivos. P. ex. a opinião tão portuguesa de que obras profanas de fantasia,

fantasticas, fingidas, mentirosas

eram inferiores não só a obras religiosas (2), mas também a obras históricas; o receio de apresentar à Mesa do Santo Tribunal e depois à censura do público versos de amor profano (3); a falta de bom material tipográfico em estilo Renascença; e principalmente a bem-dita mas malfazeja aspiração à perfeição técnica no metro novo, e à graça e elegância que êsse já atingira não só na Itália mas também no país vizinho, em Es-

(1) O próprio Diogo Bernardes dizia que um Mecenas era tão raro em Portugal como um branco entre os Ethiopes.

(2) Não deixemos esquecer que na segunda metade do século XVI saíram diversos volumetos de prosas e poesias *ao divino*: depois da *Paixão e morte de Cristo* em estilo metrificado de Frei António de Portalegre (1577), as *Homelias e Elegias* sacras de Jorge da Silva (1554); a *Filomena de S. Boaventura* atribuída a Francisco de Andrade (1566), as *Elegias* de Simão da Silveira (1567), etc., etc.

(3) Para que o leitor se persuada de que de facto o amor profano, tingido de paganismo, quer platónico, quer ovidiano amedrontava realmente os Censores, reoomendo-lhe a leitura dos privilégios e das censuras de obras como as *Ribeiras do Mondego* de Eloio de Sôto-maior e os primeiros versos de Montemór.

panha na dicção de Garcilaso, e séculos antes havia atingido no *Canzoniere* de Petrarca — metro que a meu ver saiu perfeito p. ex. nas primeiras vinte oitavas da epopeia.

Muitos vates de prosápia pensariam também, como Jorge de Montemór e seu louvado Dr. Rodrigo de Mendonça, que só o que é raro e caro é apreciado. Versos vulgarizados pela imprensa apenas servem... para que os leitores digam mal dêles. «*As obras de Boscan, quão desejadas, eram, e quanto praguejaram delas depois! y quando se les pide razón, no saben dar otra sino... que es mejor lo que escribió Garcilaso*» (1).

Se abstrairmos do hispanizante Jorge de Montemór, temos um único Quinhentista português que juntou e publicou as suas composições líricas — já o disse no Preâmbulo — : *Diogo Bernardes* o que planeou juntar um Cancioneiro de obras alheias.

Realmente tarde, quando sentia a sua veia exgotada reuniu nos três volumitos cujos títulos já citei, as *Rimas* que compusera no decorrer dos anos na ribeira do Lima, em Lisboa, novamente no Minho, em Marrocos durante o cativeiro, em Madrid, e depois do regresso. Propositadamente principiou com as poesias religiosas que dirigira ao Salvador, à Virgem e a diversas figuras da hierarquia celeste(2), empregando ambos os estilos, mas principalmente a maneira italiana(3). Além dos versos realmente *ao divino* que

(1) Filho por ventura de uma artista espanhola.

(2) S. Pedro, S. João, Santo António, S. Roque, S. Jacinto, St.º Agostinho, S. Lourenço, S. Sebastião, S. Bernardo, St.ª Clara, St.ª Madalena, Santa Úrsula, com sua companheira Undecimilla [já então transformada (por engraçada etimologia popular) de Onze mila em Onze mil].

(3) De 106 composições, apenas 20 são Voltas, (treze de Mote

muito deviam consolar o irmão na Arrábida, entraram vários semi-profanos na colecção que intitulou: *Varias Rimas ao Bom-Jesus e a Virgem gloriosa sua Mãe e a Santos particulares com outros mais de honesta e proveitosa liçam* (Lisboa, 1594). A essa última categoria pertencem versos fúnebres à morte de pessoas amigas, sôbre o tempo do mal, e a respeito do cativo do poeta na África, e como fecho um Soneto nobre mas absolutamente profano. Aos cabelos da barba de D. João de Castro.

Pouco depois Bernardes teve o arrôjo de reunir em outro volume parte de suas poesias profanas, dando a primazia às *Églogas* em que tanto se distinguiu, e às *Cartas reflectidas* — (*O Lyra*, 1596).

Em terceiro volume deu a conhecer *Sonetos* de amor, *Canções* e *Redondilhas*, suspiros que, embora deramados em ocasiões e localidades diversas, considera como *Flores* do rio pátrio que para êle foi sempre o Letes, o clássico Leteo — (*Flores do Lima*) 1596-97.

A-pesar dêsse seu procedimento e independente e do cumprimento exemplar de todos os seus deveres com a pátria — e quanto a sua obra poética, louvado como ótimo

alheio) Glosas 4, e Endechas 5. — Todo o resto tem forma italiana: de Soneto 56; Elegia 12; Epigrama 6; uma Canção, uma Égloga e duas Sextinas. No Índice da segunda edição, de que me sirvo (1770), regista-se uma só Sextina mas a p. 23 há outra, sem epigrafe, impressa erroneamente como se fôsse continuação das *Estancias à Ascensam do Senhor* (p. 22). Principia *Ja não tem para mim prazer os dias e têm as rimas (perdidas) dias, noites, tempo, olhos estrelas, terra.*

Alguns versos alheios, às Relíquias de S. Roque trazidas a Portugal por D. João de Borja e D. Francisca de Aragão, que Bernardes meteu na sua publicação, são de Andrade Caminha, Luis Franco, Gaspar Freire,

bucolista, o suave cantor do Lima, *verdadeiro* *Limiano* e pastor Alcido (Alcino, Alcipo) nos elogios dos comilitões durante decénios, Diogo Bernardes foi ainda assim acusado pelo tão benemérito quanto fanático Camonista Manuel Faria e Sousa de haver roubado e editado como criações suas Sonetos, Églogas, Redondilhas, e Oitavas de Luís de Camões. ; Injuriado também porque não saíra mais cedo à luz com os seus três volumitos, em vida de Luís de Camões para que este pudesse vindicar para si o que lhe pertencia!

Esta questão dos plágios reservo-a como a dos furtos para um Capítulo especial.

O dos Cancioneiros vou fechá-lo assentando de novo que por os quinhentistas melhores não haverem tratado pessoalmente da publicação cuidadosa das suas *Rimas*, e os legatários, oficiais ou extra-oficiais, haverem também tardado com ela até o último decénio do século, foi que também nenhum dos poetas menores se atreveu a colleccionar e editar as suas obras líricas.

Luís de Camões sobretudo, mas também Miranda, Ferreira, Andrade Caminha, Frei Agostinho, têm a culpa de que D. Manuel de Portugal (1), D. Francisco de Sá e Meneses, Francisco de Andrade, Martim de Castro do Rio, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Simão Silveira, Simão da Veiga, o Infante D. Luís, o Duque

(1) Êsse publicou tarde (em 1605) as suas *Obras ao divino*. As profanas ficaram inéditas: Baltazar Estaço (1604), Fernão Álvares do Oriente (1607) já não são excepções. Nos sessenta anos de dependência política, mas de fecundidade literária e actividade, foi o imitador muito talentoso Francisco Rodrigues Lobo que deu um óptimo exemplo começando logo na mocidade, aos dezasseis anos, de dar à luz os produtos do seu génio.

de Aveiro, o Conde de Vimioso e diversos outros, inferiores em fecundidade e galhardia, não se preocupassem com o destino das suas obras.

Foram causadores de que os seus coevos enviassem manuscritos — autógrafos ou cópias caligráficas — de uma e outra poesia solta ou de cadernos mais ou menos delgados, a protectores, amigos e damas da côrte. Causadores de que cada amator da arte reünisse num Cancioneiro ou numa Miscelânea os versos seus predilectos, afim de os poder ler e reler.

A causa todavia de que todos os autógrafos se perdessem e de que nos traslados dedicados a Reis e Príncipes, os coleccionadores não dessem indicação clara a respeito do autor e confundissem freqüentes vezes autores e meros trasladadores, a causa de que haja tanto problema, tanta suspeita, tanta calúnia, essa está no descuido de que falei no princípio dêste ensaio.

Descuido e não desonestidade. Se entre os versos de Frei Agostinho da Cruz encontramos outros alheios, não só de seu irmão mas também do Coleccionador Estêvam Rodrigues de Castro e Martim de Castro do Rio, ¿como explicar essa desordem? Ninguem terá em conta de ladrão e plagiário êsse Capucho de alma pura e ingénua.

E se na *Miscelanea* (1) de Miguel Leitão de Andrade há Sonetos e Cartas de vários, dar-se há o mesmo caso, visto que logo no princípio êle explica que apresentará uma Salada (ou *Enselada*) de vários ingredientes.

(1) « Bem estou vendo que muitos me hão-de notar por verem neste livro (a quê me pareceu chamar *Miscellanea* ou *Selada* pola diversidade de cousas que nelle vão misturadas) algumas que lhe parecerão alheias e ditos também alheios ».

Ainda assim acho estranhável a falta de nomes de autor nas colecções. E a-pesar-do terremoto (em que desapareceram livrarias inteiras como a régia de D. João V, a dos Duques de Lafões e Condes de Eriçeira e nelas talvez os manuscritos que D. Rodrigo da Cunha e seu sobrinho D. António Álvares da Cunha manusearam)(1), acho sumamente estranhável a desaparição completa de originais da mão e letra de Camões, Bernardes, Ferreira, e dos Cancioneiros aproveitados por Soropita (1595), Estêvam Lopes (1598). Estranhável também que subsistam tão poucos Cancioneiros manuscritos(2).

T. Braga disse algures que muitos textos metrificadas foram recolhidos pelo Santo Offício que os destruiu para salvaguardar e aperfeiçoar os costumes. Será verdade isso? A favor do facto falam o caso já alegado de só Homilias e Elegias sacras e Vidas de Santas e Santos terem saído dos prelos, meado do século xvi, e o de nas *Censuras* se frisar sempre a pureza dos versos ao divino e com relação aos profanos o não conterem nada contra a fé e os bons costumes.

Não perco todavia a esperança de nas Miscelâneas da Biblioteca da Ajuda, nas livrarias dos Duques de Cadaval, D. Caetano de Bragança e Condes de Pereira ainda surgirem surpresas, quando examinadas por olhos de ver.

(1) Datados de 1568.

(2) O de Luís Franco na Biblioteca Nacional; o de A. Fernandes Tomás no Museu de Belém; o do Conde de Juromenha nas arcas do Conde de Sucena, salvo êrro; alguns na Biblioteca de Évora, só em parte explorados (e mal) por Victor Hardung, e Barata.

II

O PARNASO DE LUÍS DE CAMÕES

¿Que espécie de manuscrito seria o Parnaso? ¿e como desapareceu? ¿Por desleixo do próprio autor? ou ¿por culpa e crime de outrem? ¿roubo propositado de um invejoso?

Mal se pode duvidar de que o desaparecimento fôsse desairoso, visto que um historiador consciencioso, empregou a palavra *furto* com relação a um facto de que fôra quasi testemunha, com quanto fôsse meio século depois que se referiu a êle.

Diogo do Couto, que se preza de ter sido o especial amigo de Luís de Camões, seu companheiro nos estudos em Portugal, e seu matalote de cama e mesa na Índia, narra o caso na *Decada VIII*, a qual também juntamente com a *XI*, lhe fôra roubada por maldade de um invejoso(1) que depois da morte do velho (já octogenário e doente) continuador de João de Barros(2), contava lograr-se do trabalho e suor dêle.

No Prefácio da segunda redacção, que êle ainda assim chegou a acabar e dedicar (1616) a Felipe II de Portugal(3), fala exclusivamente do feio crime com que o lesaram a êle.

(1) Estando êle doente em casa, em 1614.

(2) Couto faleceu a 10 de Dezembro de 1616.

(3) Êsse *Prefacio-Dedicatoria* acompanha a edição de 1786. —

Ao furto do *Parnaso* refere-se no texto de ambas (1), narrando como o grande Poeta, durante a triste e forçada demora na dura Moçambique (no inverno de 1568 a 1569 portanto) depois de haver acabado de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* (*sic*) pera as imprimir «foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, e intitulava «*Parnaso de Luis de Camões*» — livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtaram. «E nunca pude saber no reino dele, por muito que inquiri». «*E foi furto notavel*» (2).

Verdade é que na redacção primitiva da Década VIII, pronta para entrar no prelo em 1614 juntamente com a IX; — as que lhe foram subtraídas pela cruel e desumana harpia da inveja, Couto não se havia servido do vocábulo acusador de *furto*. Falara apenas do desaparecimento do *Parnaso*.

Depois de se haver referido em geral à estrela funesta do Poeta, sua miséria, e seu carácter terrível, Couto diz: «Neste inverno começou Luís de Camões a compor hum livro muito docto de muita erudição que intitulou *Parnasso* (3) de *Luis de Camões* porque

Com data falsa de 1606, foi impresso nas *Memorias de Literatura*, I, 339, e tratado sem acribia crítica por Inocência da Silva, II, 156.

(1) A primeira redacção existe manuscrita. Descoberta há pouco na Biblioteca do Pôrto foi examinada quanto aos trechos relativos a Camões, por João Grave e Joaquim Costa. Veja-se *Boletim da Academia das Sciencias*, vol. XI, p. 1039-1045.

(2) Vol. XVIII, p. 233 da edição de 1786.

(3) *Parnasso*. — Em verso, os clássicos portugueses preferiam a forma *Parnaso*, com *s* brando, em rima muita vez com *Pegáso* (por *Pégaso*). *Parnasso* com *s* forte, grãficamente duplo, prevaleceu todavia em tôdas as outras línguas europeias, porque essa forma era a mais documentada nas obras de Latinos e Gregos.

continha muita poesia, filosofia, e outras ciencias, *o qual desapareceo*; e nunca pude em Portugal saber delle ».

O confronto dos dois assentos podia despertar em censores hipercriticos a suspeita que foi o furto das suas Décadas VIII e IX que levou Couto a considerar também como criminoso o *desaparecimento do Parnaso*. Em mim suscitou pelo menos numerosas hesitações. ¿Onde se perpetuaria o crime? ¿Em Moçambique? ¿durante a tornaviagem? ¿ou — como me parece mais provável — na ocasião do desembarque em Lisboa(1), por mãos de um dos próprios matadores-poetas que conheciam e cobijavam o volume? ¿Mas com que fim? ¿Só para ferir no âmago do coração o genial poeta? ou ¿para realmente usurpar obras dele? ¿ou, suspeita horrível, para destruí-las? ¿Mas se Couto fez realmente pesquisas para tornar a descobrir o *Parnaso*(2), êle sabia, ou suspeitava pelo menos que não fôra destruído? ¿E o próprio poeta não daria passos para reaver o que era seu, occupado com a publicação dos *Lusiadas*, ou paralisado com indignação ou desalento moral?

Certo é apenas que Luís de Camões tratou logo de salvar o *Tesouro do Luso*, que já arrancara às salsas ondas do oceano, mas não legou um *Parnaso* à posteridade; não tratou de reconstituir nova colecção ou selecção das suas incomparáveis composições líricas, a-pesar-de numerosos traslados da maior parte terem existido nas mãos de amigos e protectores e damas, e de, no relativo ócio, que a *tença* recebida

(1) Vid. Storck, §§ 346-360, sobretudo 341 e as *Anotações* 4-6.

(2) ¿Quando? ¿De 1570 a 1571? porque em seguida voltou bem despachado à Índia, onde casou e envelheceu.

como prémio dos *Lusiadas* lhe proporcionara, êle haver ideado ainda novas e belas Odas e Oitavas e mais de um Soneto.

Certo é igualmente que o não-aparecimento do *Parnaso* foi funesto no sentido já indicado de haver causado o retraimento de todos os outros poetas líricos.

Um ilustre Camonista conjecturou que a história do roubo contada por Couto seria mera fábula, ideada e espalhada pelo próprio Camões(1), porque sem grave escândalo bôa parte das suas poesias não podia ser publicada em vida dele e... da Infanta D. Maria. Creio contudo que tal hipótese não persuadiu nem persuadirá ninguém. A sua estrela funesta, sua natureza terrível fizeram que constantemente *mudasse as causas ao cuidado*, suspirando ora por Natércia, ora por Nise, Belisa, Dinamene(2), Barbara: *em várias flamas variamente ardendo*.

Que ardesse num só fogo não queria o ceu é confissão a que eu dou fé.

Quanto à probabilidade ou improbabilidade do roubo(3), sei de furtos quasi inocentes nas literaturas modernas, embora irritassem as vitimas, isto é de casos de indiscrição de amigos que publicaram versos ou prosas que só para leitura individual lhes tinham sido

(1) Vid. J. M. Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria*.

(2) No mesmo manuscrito portuense da *Decada VIII* de Couto que citei, o Soneto *Alma minha gentil* é pôsto em relação com a morte de Dinamene, moça china que o Poeta trazia de Macau, e se afogou na costa de Sião. — *Bol. Acad. Scienc.*, XI, p. 1042.

(3) A fabula narrada por Faria e Sousa a respeito de um *Parnaso*, de prosas e versos, legado pelo poeta a Estacio de Faria, seu avô (*Vida*, § 26), e por êle estragado quando menino, claro que não merece crédito algum.

confiados. O *Cortegiano* de Baltasar Castiglione, entregue à nobre Vitória Colonna é um exemplo(1). Outro temos na *Hispaniola* de Maldonado. E embora o intento não se realizasse, meto nesta categoria o furto dos primeiros seis Cantos dos *Lusiadas* de que fala Faria e Sousa (supondo diísesse verdade)(2).

Sei também de furtos feios de vaidosos e tímidos que, amando a arte, mas sem facilidades criadoras, tendo-se gabado, e anunciado como pronta qualquer Égloga ou Elegia, não encontravam depois outra escapatória do que copiar versos alheios, e apresentá-los como seus, porque mais ou menos correspondiam ao seu modo de pensar e de sentir. E tiveram o arrôjo de os inscreverem em Álbuns e de os imprimir em *Jornais* ou *Revistas*. O interessado leia p. ex. o que Inocência conta dos *Pastores desenganados* (3). E releia o epigrama que Marcial dirigiu a Fidentino

Quem rëcitas meus est, o Fidentine, libellus.

A autoria problemática do formosíssimo Soneto

No me mueve, mi Dios, para querer-te;

a da Ode a Itálica, a questão do *Amadis*, a do *Palmeirim*, a da tragédia *Inés de Castro* entram também aqui, assim como as patrióticas falcatruas de Frei Bernardo de Brito.

(1) Ela deixou tirar cópias do manuscrito, o que levou o autor a apressar a impressão. — Vid. C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*. Notas 115 e 272.

(2) *Lusiadas*, Ed. 1639, p. 37.

(3) Vol. VI, p. 353.

De roubos directos de volumes inteiros com muitas obras como o *Parnaso*, ou de história como a *Década VIII* de Couto, provocados por inveja, ciúmes e cobiça, confesso que não conheço exemplos.

Da idea de T. Braga que o *Parnaso* fôsse materialmente retalhado e dividido entre um bando de poetas famintos de glória, cabendo a cada um algumas composições camonianas, tornarei a falar!

Primeiro ventilarei a questão ¿que espécie de collecção seria o *Parnaso*? — Um livro cheio de poesia, filosofia ou de muita erudição e doutrina explica Couto, cujos modos de dizer *ia fazendo e começou a compor* podiam levar-nos a supôr que se tratava de uma obra integralmente nova e não de reunir e limar as poesias líricas compostas durante três decénios. Um livro de versos e prosa calcula Faria e Sousa. A collecção de tôdas as obras menores do Poeta, incluindo as Cartas em prosa de que hoje possuímos apenas escassas amostras, penso eu: (1) todo o pecúlio literário portanto, com exclusão da epopeia e das Comédias.

Um livro só de versos à maneira italiana, opinava T. Braga (2), porque com êsse nome clássico iam substituindo o antiquado *Cancioneiro* e *Livro de Trovas Humanistas* e *Renascentes*. Tão novo todavia em Por-

(1) Influido por essa idea (minha, e de Storck) T. Braga observou no *Camões*, de 1911 (p. 132) que as Líricas do *Parnaso* iriam acompanhadas talvez de alguma dissertação ou comentário!

(2) Nesse sentido o empregou êle na edição brinde da *Actualidade*, (Pôrto 1873) e na selecção de 1881. E em muitos trechos das suas obras camonianas; p. ex. no seguinte trecho do *Manual*: «Com certeza o título de *Parnaso* só se dava a uma collecção de poesias; e com êste título Camões designava as composições que escrevera no gôsto da Escola italiana» (p. 292).

tugal como fôra *Lusíadas* por *Lusitanos*. E essa maneira de opôr o greco-latino *Parnaso* ao neo-latino *Cancioneiro*, agrada à primeira vista. Contudo, é arbitrária porque não há um único exemplo que documente êsse significado restrito.

Desde que Boscan e Garcilaso no reino vizinho e entre nós Sá de Miranda introduzira o verso hendecassilábico e as formas artísticas do Soneto, da *Terça-Rima*, da Oitava, da Canção etc. não mais houve colecções só de versos de oito e seis sílabas—Cantigas, Vilancetes, Glosas, Endechas (1) e de Oitavas de arte maior para poemas reflectidos e narrativos; nem tão pouco só de obras redigidas no doce estilo novo. De 1527 em diante, entraram nas edições do *Cancioneiro General* de 1540 e 1557 Sonetos e Oitavas como *Obras Nuevas*. E em todos quantos Cancioneiros de mão existem em Espanha e Portugal (e no Museu Britânico) há assim mesmo composições de arte velha a par das de arte nova que em geral predominava.

Quanto a obras impressas com o título (2) de *Par-*

(1) O termo genérico de *Redondilha*, que a princípio designara apenas *quadras* (abba) e *oitavilhas* (abbaabba), ainda não era empregado no tempo de Miranda para denominar tôdas as composições em versos de oito ou seis sílabas. O primeiro que o utilizou assim em sentido lato foi (salvo êrro) o grande Diego de Mendoza.

(2) O termo *Cancioneiro*, no sentido exclusivo de Colecção de Cantigas, Vilancetes, Glosas, Endechas de medida velha, empreguei-o no Sá de Miranda (p. 740) de um modo que podia fazer supôr que Boscan se servira dele para epigrafar as suas obras de medida velha. Mas eu falei apenas de *uma especie de Cancioneiro*, e Boscan usara do título *Livro de Coplas hechas a la castellana*. W. Storck substituiu muita vez *Cancioneiro* por *Album*, o que não aprovo. O *Album*, (Gedenkbuch — Stambuch — Sammelbuch)

naso — em que de resto sempre se procedeu do modo indicado — todas são modernas. Basta mencionar de um lado o *Parnaso Português Moderno* (1) e o *Parnaso camoniano* de 1880 de T. Braga (2), assim como do outro lado o *Parnaso Lusitano* de Almeida Garrett e o *Parnaso Español* de Sedano que contam amostras de todos os géneros. Mesmo dramas e trechos épicos (3).

Provável é que o Príncipe dos Poetas lusitanos fôsse o primeiro a escolher o título greco-latino para a edição das suas poesias líricas.

Provável e justificado. Por o *Parnaso* ou *Parnasso* ser uma serra, e em particular o monte mais alto dela, mais vistoso e mais próximo do ceu, era na mitologia helénica morada de Apolo e Dionysos, os dois deuses da arte divina, e das nove irmãs. A cada *Musa* foi costume atribuir uma só espécie poética, como os peninsulares sabem pelas *Musas de Melodino* (4) e as de Quevedo (5). E Luís de Camões, embora entoasse, com brilho especial, instrumentos altíssimoantes como a tuba de *Caliope*, a lira de *Clio*, a tiorba de *Polyhymnia*, e a harpa de *Melpomene*, não desprezava a viola de *Talia*, nem a cítara de *Erato*, nem a sanfonia de *Euterpe*.

Não nos é dado imaginar se realmente planeara em Moçambique, no regresso à pátria, tal divisão do seu

é pessoal e ilimitado quanto a linguas e géneros, prosas, versos, desenhos, em regra originaes.

(1) Lisboa, 1877.

(2) Já ficou dito que na Edição das obras de Camões de 1873 o Tomo I é também *Parnaso* de Luís de Camões.

(3) Existe mesmo um *Parnaso* exclusivamente dramático: *Parnaso Nuevo* de 1670.

(4) D. Francisco Manuel de Melo, *Obras Metricas*, Lyon 1665.

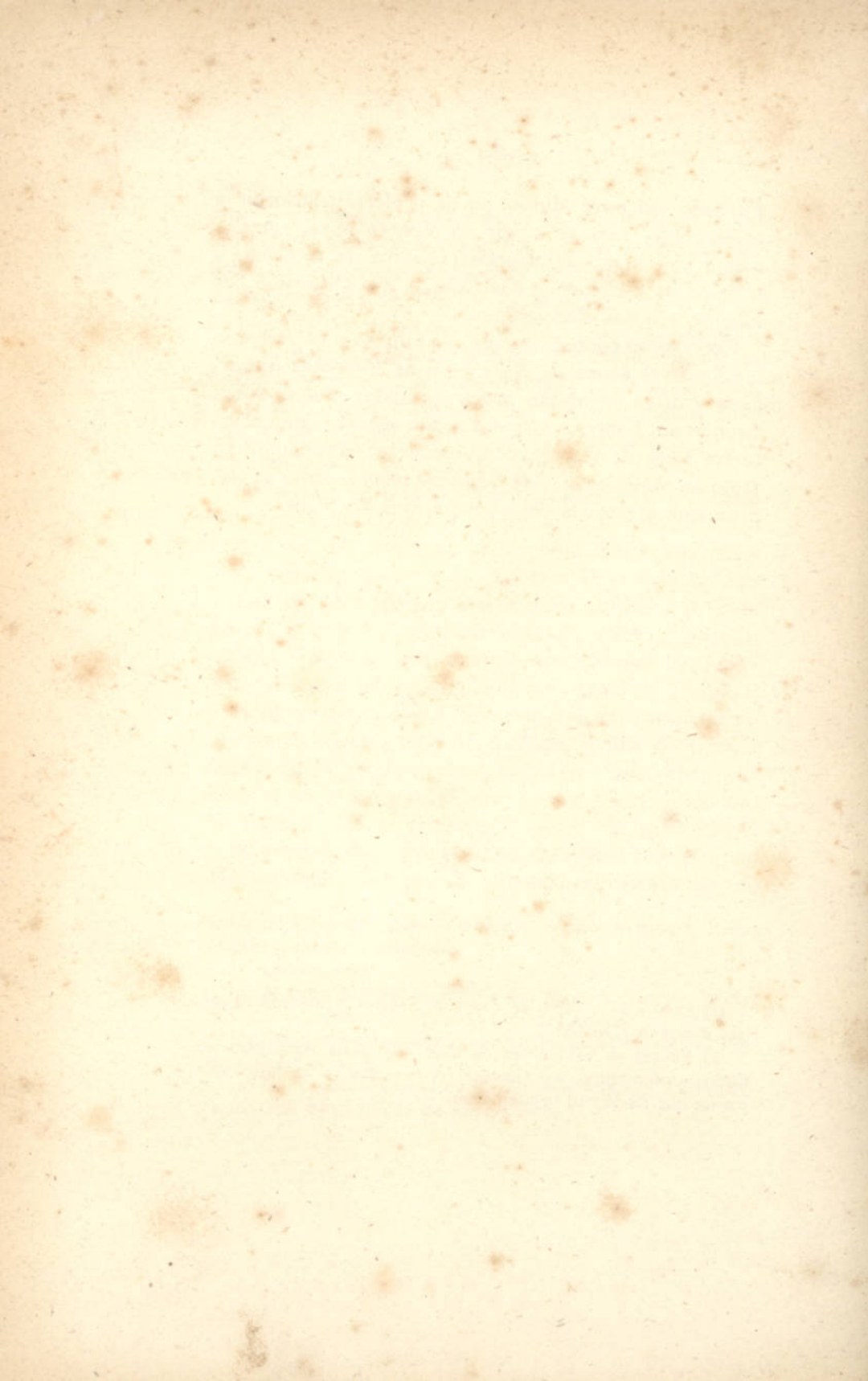
(5) Vol. III da edição de Anvers 1726.

Parnaso em nove Musas, ou se preferia transmitir à posteridade, sem se cingir ao número nove, singelamente um *Livro de Sonetos*(1), outro de *Canções*, o terceiro de *Eglogas*, o das *Odes*, o das *Oitavas* o das *Elegias* e o das *Redondilhas*.

Certa estou contudo de que não faltariam no *Parnaso* o admirável *Canto de Sião*, nem as *Endechas a Barbara Cativa*, nem tão pouco as lindas Voltas sôbre *Leonor na Fonte*, a formosa e não segura, que encantaram Lope de Vega (2) como em geral as redondilhas, tanto as sentimentais (de *Saudade minha*) como as alegremente brincadas do incomparável Português.

(1) Couto dá o nome de *Livro de Sonetos* à primeira edição das *Rimas de Camões*.

(2) Felizes os estudantes de hoje aos quais Agostinho de Campos ofereceu o seu *Camões Lirico* — dádiva de cujo valor parece que ainda não se inteiraram.



III

OS SUPOSTOS PLÁGIOS

Separo os *plagios dos furtos* (de que falei no Capítulo precedente), conquanto no fundo plágios não sejam senão roubos, parciais, e os que dizem respeito a obras de Camões derivem directamente, no pensar de muitos, do furto do *Parnaso* perpetrado em 1570.

Sem êste furto, ou por outra sem as nótulas de Couto, ninguém de certo teria acusado de plagiário a Bernardes, Lobo, Alvares do Oriente, e tôda a pleiada de poetas menores que aprenderam a arte primeiro de Sá de Miranda e depois de Luís de Camões — mas que T. Braga com meias palavras trata de ladrões. Imitando o Mestre, esses produziram alguns Sonetos dignos dêle e que por isso mesmo foram vindicados para Camões, primeiro por engano por editores rectos como Soropita, Estevam Lopes, Domingos Fernandes, D. António Álvares da Cunha, e depois, sistematicamente por Faria e Sousa (1).

(1). Eis a lista alfabética dos Sonetistas que entraram com uma ou outra amostra nas *Rimas* :

Aires Pinhel (Dr.).
Álvaro Vaz (Dr.).
André Falcão de Resende.
Baltasar Estaço.

Esse Capítulo dos plágios desconsola profundamente. O *suum cuique*, tanto material como espiritual, a justa avaliação e paga do trabalho alheio, evangelho de tôda a alma bem formada, é contrariado muita vez na história da literatura portuguesa, cheia de processos de propriedade, como já ficou dito.

Muitos dêsses processos estão decididos a favor de Portugal, e na sua ventilação tenho gostosamente colaborado. Se estrangeiros de pouca probidade como Hurtado de Toledo e António Bermudes publicaram como obras suas o *Palmeirim de Inglaterra* de Fran-

Bernardo de Brito (Frei).

Estevam Rodrigues de Castro.

Fernão Rodrigues Lobo, Soropita.

Francisco de Andrade.

Francisco Galvão.

Jorge de Meneses.

Luís Álvares Pereira.

Martim de Crasto.

D. Manuel de Portugal.

Miguel Leitão de Andrade.

Pedro da Cunha Perestrelo.

Valentim da Silva.

Vasco Mousinho de Quevedo. O Conde de Vimoso, o Duque de Aveiro, o Marquês de Astorga, o marquês de Alenquer, o Infante D. Luís.

Além deles os Castelhanos Acuña, Garcilaso, Mendoza, Lope de Vega, Cristobal de Mesa, Duque de Villemediana. Vid. Braga, *Hist. Cam.*, II, p. 32; *Manual*, p. 293 e 306; *Curso*, p. 265 e 270. Curioso é que a-pesar de passar pelo pior adversário e caluniador de Camões, e de realmente haver antagonismo, entre a natureza *terribil* de Camões, e o convencionalismo do ceremoniático cortesão. Pedro de Andrade Caminha nunca fôsse acusado de haver roubado versos a Camões. É que os dele dedicados a Filis e ao Senhor D. Duarte, sobretudo os hendecassilabicos, eram tão secos e formais que era impossível confundi-los.

cisco de Moraes, e a *Castro* do Dr. António Ferreira, se Montalvo traduziu o *Amadis* galego-português sem falar sequer de João e *Vasco Lobeira* (talvez por não saber deles), e *Tejada* e *Luis Martin de la Plaza* traduziram Sonetos de Camões, sem se manifestarem como meros imitadores (1), a culpa dos Portugueses cifra-se em não terem publicado a tempo e acompanhado de notas elucidativas com data e epigrafe cada uma das obras, e em os autores não haverem defendido o seu bem com saber e critério.

Quanto às composições líricas de Camões é lamentável — como deixei dito na Introdução — a incuria com que o próprio as tratou e os coevos e pósteros as trataram. Muito mais lamentável é todavia a facilidade com que se inventaram e propagaram histórias de plágios, incriminando-se sobretudo, o mais camoniano, mais inclito dos coevos, o que merecera o título de *Príncipe do genero bucolico*, o que fôra amigo de Sá de Miranda e Dr. António Ferreira, íntimo de seu próprio irmão, o Capucho Frei Agostinho da Cruz, *digno de mil louvores*, o único que conforme também contei, cuidara da impressão das suas poesias, e tencionara juntar um *Cancioneiro* das obras líricas dos contemporâneos; o único depois de Camões, elogiado no *Laurel de Apolo* e em outras *Viagens ao Parnaso* (2). Único poeta português, além disso, que acompanhou a edição príncipe das *Rimas* com um Soneto encomiástico (3), e segundo a tra-

(1) C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*.

(2) Louvado como *Alcido* nas *Ribeiras do Mondego*, II, p. 35 v. e 36 e como *Alcino*, p. ex. na *Lusitania transformada*, I, Prosa IX.

(3) Luís Franco era de origem italiana; e o Soneto com que contribuiu à edição de 1595 é italiano: *Sopra la polve e lossa regnar morte potrà*.

dição, desejou dormir o último sono ao lado do genial Poeta.

Qua re? qua re? pergunto sempre de novo.

O primeiro investigador da poesia portuguesa que acusou Bernardes de plagiário — *roubador ou insolente usurpador* — de manuscritos camonianos, pensando no *Parnaso*, foi Faria e Sousa (1590-1649). Vendo as arestas nos olhos dos outros coleccionadores, não reconheceu a trave da inexactidão e invencionice fantástica nos próprios, apontou os versos alheios que o editor primeiro e segundo e terceiro das *Rimas* de Camões havia metido por engano entre os legítimos (1), mas não teve escrúpulos de pessoalmente e propositadamente (2) vindicar para êle quantas Redondilhas, Elegias, Églogas quinhentistas achou ao seu gosto. Isto é: de explorar os *Florilégios* melhores, quer impressos, quer manuscritos que conhecia. Sobre tudo as três colecções líricas de Diogo Bernardes (1594 e 1596), declarando que juntas constituíam o *Parnaso* (3)

(1) A vaga epígrafe *Do mesmo*, freqüente nos Cancioneiros, ocasionou numerosos erros. O mais notável de todos é a attribuição do poema didáctico da *Creação do Homem* ou *Microssomografia* de André Falcão de Resende ao poeta dos *Lusiadas*.

(2) Nos *Lusiadas* de 1639, § 22, diz p. ex. *De la llamada Segunda Parte de sus Rimas no trato aqui por lo mucho que en ellas ay no suyo*. Eu conto dez apócrifos entre 58 acrescentos.

(3) Eis uma das anedoctas que Faria e Sousa inventou a êsse respeito e a que ja aludi ao falar do *Parnaso*. Um livro *in-quarto* de seu avô, que êle em criança leu e estragou era o *Parnaso*. E nos *Florilégios* de Bernardes tornou a encontrar várias das poesias que lera, pois tinha uma memória fenomenal. «*E las mas dellas van agora en esta edicion, porque tuve por justo restituir-le destes robos y en ellos lo advierto*». (*Vida de Camões*, § 26. Juízo

que fôra roubado ao poeta ao vir de Moçambique (1).

Das composições de Francisco Rodrigues Lobo e Álvares do Oriente, que êle também teve em conta de camonianas, nem falo porque ninguém as toma hoje a sério, ao passo que as lançadas contra Bernardes vingaram e viçaram. Não só por serem numerosas e muito extensas e repetidas, mas por o ponto de partida ser um facto da sua vida literária em que houve um *furto* ou *vil engano*.

Ei-lo lembrado.

Na primeira publicação sua — as *Varias Rimas ao Bom Jesus e à gloriosa sua mai* — há um poemeto sacro em oitavas-rimas. *Do martirio de Santa Ursula* (2). Poema paralelo não da *Maria Egipciaca* de Sá de Miranda (visto essa ser escrita em quintilhas duplas,

de las Rimas § 20). — E depois tece em volta p. ex. de sete Sonetos da Primeira Centuria, um enredo complicadíssimo jurando e trejurando de cada um que o vira em diversos manuscritos em nome de Camões e que só êsse o poderia ter composto. — O curioso procure N.º 108 (p. 202, *Brandas*); N.º 109 (p. 208, *Novos casos*); 110 (p. 204, *Onde porei*); N.º 111 (p. 205, *Já do Mondego*, N.º 112) (p. 205, *Que doudo*); N.º 113 (N.º 207, *Um firme*); N.º 114 (p. 208, *Ao que*).

(1) Quanto a essa data, ouçamos o que T. Braga opina de uma *Elegia à morte de D. Telo* (talvez de Alvares do Oriente, difficilmente de Camões) por ir com a rúbrica: *Achou-se em um Ms. do Bispo D. Rodrigo da Cunha, feito no ano de 1568*. — Claro que segundo êle devia também ser uma parte do *Parnaso* roubado a Camões em 1568. ¿Valerá a pena notar que a nao em que o Poeta vinha, chegou a Lisboa em 1570? O manuscrito podia evidentemente ter a data 1568!

(2) P. 94-114 das *Varias Rimas*. — Irmão no estilo é o outro Poema às *Lagrimas de São Pedro* — e o das *Lagrimas de S. João Evangelista*.

de medida velha) mas sim do de *Santa Comba* do Dr. Ferreira; e da *Santa Caterina*, *Santo Eustachio* e *Santa Brigida* de Frei Agostinho da Cruz — todos eles em Oitavas. Como Prólogo a *Santa Ursula* há um Soneto-Dedicatória *À Infanta D. Maria* no qual o Poeta do Lima se queixa de que uma redacção, em partes ainda *feia e duvidosa*, lhe fôra subtraída e entregue à destinatária, redacção que ainda assim fôra bem aceite, mas agora substituída por outra mais perfeita. Agora quer dizer no acto de escrever o Soneto; seguramente antes de 1577 — ano da morte da *gran D. Maria* (1). Subtraídos anteriormente talvez por algum íntimo, excessivamente serviçal, e devoto à filha de D. Manuel, como em outros tempos Vitória Colonna havia espalhado traslados do *Cortegiano* de *Castiglione*.

A redacção refeita e polida — publicada em 1645 por Faria e Sousa e atribuída por êle a Luís de Camões — no seu parecer doutrinário seiscentista (2) de tal esmero que só êle a pode ter escrito, e só êle a pode haver dedicado à Infanta, essa não subsiste, nem nunca

(1) O *calculo* de T. Braga: que em 1594, dezassete anos depois do falecimento dela, Bernardes não podia dedicar à Infanta o Poema e o Soneto, é o cúmulo da crítica.

(2) Vid. *Rimas*, Tomo V, p. 134, Oitavas VI. — Vida do Poeta, § 26; Camões, Ed. Aquino, 1779. Vol. IV, p. XLVII; Juromenha, II, p. 519 e 562. Nessa página êle diz, sem dar prova alguma da sua asserção: *Antes de Diogo Bernardes publicar estas Oitavas no anno de 1596, (sic) corriam ellas em nome de Camões* — depois de Faria e Sousa haver afirmado que *siempre fue opinion de los que podian juzgar de estilos que estas O. à S. U. fueron escritas por Luis de Camões* — Braga, *Quinhentistas*, p. 300 e 309; *Hist. Cam.*, II, 330 e 408; *Manual*, 293; Storck, § 139; *Sämmtliche Gedichte*, I, 358 e 377, II, 388, III, 362-367, IV, 379-384 e 394; C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria*, p. 60-62 e 269; p. 59 e Nota 264.

foi apontada, em manuscrito algum, quer sem o Soneto, quer acompanhada dele, quer em nome de Bernardes, quer no de Camões, quer anónima.

E para autenticar relações de Camões com a *gran Dona Maria*, (em si muito naturais, antes de 1558, a-pesar da suposta paixão por Natércia) Faria e Sousa, com tôda a sua perspicácia não soube indicar senão um Soneto à sua morte — *Em dialogo*:

Que levas cruel morte? — Um claro dia!(1) como se ela tivesse contado não cinqüenta anos, mas trinta quando muito! E para isso teve de retocá-lo, pondo a *gran Maria* no texto (verso oitavo) por *Dona Maria*. Segundo a epígrafe de um manuscrito *D. Maria de Tavora, dama da Rainha*, falecida antes de Natércia, se, como parece, Andrade Caminha deu ordem cronológica aos seus Epitáfios(2).

O resultado do roubo praticado por Bernardes? Segundo os intérpretes principais, Camões soube dele, conquanto para se vingar, não escrevesse nenhum Soneto, dedicando simplesmente o poemeto, melhorado, à Infanta. Os reinantes todavia, com pena do ladrão, recompensaram-no nomeando-o para acompanhar o embaixador Alcaçova Carneiro à côrte de Felipe I!(3).

(1) No *Indice* do Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro êle é attribuído ao Duque de Aveiro (segundo T. Braga, p. 143 e 187); a Luís de Camões nas *Rimas* de 1598. — J. M. Rodrigues (que para o seu tão poético romance da paixão de Camões pela Infanta precisava pelo menos uma poesia à morte dela) escolheu outro Soneto: o que principia: *Chorai ninfas* (p. 264).

(2) Epitáfio XXI: *em idade muito anticipada*.

(3) *Hist. Cam.*, p. 268 e 271: Foi um desagravo ao Poeta reconhecido como plagiário.

Há contudo mais e melhor ainda: Desmascarado embora, o plagiário só esperou até 1594, para então publicar o *Poemeto* e com êle o *Soneto-dedicatória*, persuadido de que o antigo escândalo estava esquecido, (ao ver de Braga e Faria e Sousa) a-pesar-de exactamente então os veneradores de Luís de Camões trabalharem na colleccionação das suas *Rimas* e se haverem dirigido também a Bernardes afim de contribuir à primeira edição.

IV

O PADRE PEDRO RIBEIRO E O SEU CANCIONEIRO

É pouquíssimo o que se sabe dêsse benemérito e do Cancioneiro por êle tirado a limpo em 1577 e coleccionado portanto em anos um tanto anteriores (1). Do próprio *Índice* (de que se conservou destacado o apógrafo) depreende-se apenas que admirava sôbre todos a Diogo Bernardes e Luís de Camões, e também que cultivara o *dolce stil nuovo* — visto que acolhera na collecção dez Sonetos pròpriamente seus.

Além disso supõe-se que o manuscrito desapareceu em 1755, perecendo no incêndio subsequente ao terremoto.

Barbosa Machado (2) não soube apurar nada mais para a sua obra basilar do que ter sido Presbítero e Professor de Poesia. Nem mesmo diz onde.

A fórmula encomiástica, aposta aos dois títulos, *cujo sublime entusiasmo competia com os maiores alunos do Parnaso Portuguez*, é mera frase com que disfarça

(1) Julgo devermos interpretar assim a frase do título *escrito no anno 1577*, mesmo se os cadernos de que constava o Cancioneiro (um de Bernardes, o segundo de Camões, e o último de vários) já tinham chegado coordenados ao erudito Padre.

(2) *Bibl. Lus.*, III, p. 611.

a sua, e nossa, ignorância, pois com leves variantes é aplicada a todos os imitadores do Lirico Camões.

Quanto a hipóteses, T. Braga foi o primeiro investigador que se lembrou de tratar o Padre de *Indiatico* (1), identificando-o com um dos amigos de Fernão Álvares do Oriente. Isto é com o mais fervoroso admirador de Camões que se deleitava a citar e a glorificar versos dele e fez figurar na sua *Lusitania Transformada* amigos de ambos, mascarados de pastores, como era costume desde que Sannazzaro iniciara o género.

Em companhia de um *Arbello* — o *Alvaro Rebello* do *Cancioneiro* — entra no Livro II o bom Ribeiro, classificado como o *grande pastor Ribeiro mais por filosofia que por pastor conhecido em todo o Oriente* (2).

Esse vivia, segundo as notícias do bucolista, em Gôa, na paróquia de Santa Luzia durante algum tempo, em quieto *remanso pastando o seu rebanho de ovelhas*.

Em outro sítio chama-o de dignidade sacerdotal e sabedor de cinco línguas, *cuja noticia alcançara pela longa experiencia e continuo estudo* (3).

A hipótese parece-me digna de aplauso.

*

Da efectiva existência do *Cancioneiro*, de 1577 a 1755, sabemos, conforme já disse, pelo Abade de Sever. Não sòmente pelo artigo especial que êle dedicou ao

(1) *Hist. Cam.* (1874) II, p. 104 e 118. Cfr. *Renascença*, p. 503-505.

(2) *Prosa IV*, p. 187.

(3) *Livro II, Prosa VI*, 216. Cfr. p. 217 onde Rebêlo e o autor se separam para sempre do bom Ribeiro.

coleccionador (1), mas por mais uma duzia de Nótulas dispersas pelos quatro volumes da *Biblioteca Lusitana*, relativas a poetas menores de que havia composições no volume.

Como sabem os que se occupam de literatura nacional, Barbosa Machado — ao qual devemos ser gratos avaliando com justiça o enorme trabalho que teve excerptando com arte e cuidado não somente livros impressos, mas também numerosos manuscritos da Biblioteca Régia e das livrarias tanto da aristocracia da Capital (2) como de colégios e conventos da provincia (3) — Barbosa Machado aproveitou também cada nome de autor mencionado por Lope de Vega no seu *Laurel de Apolo*; Jacinto Cordeiro no seu *Elogio de Poetas Lusitanos esquecidos pelo Fenix dos Ingenios*; Manuel de Galhegos no *Templo da Memoria*; Pedro Sanches na *Carta Latina* a Inácio de Morais. Igualmente serviu-se do *Corpus Poetarum* e do *Enthusiasmus Poeticus*, do Padre António dos Reis.

Claro que utilizou as obras enciclopédicas, inéditas, dos antecessores: a *Biblioteca Portuguesa* de João Franco Barreto (1600-1674); o *Theatrum Lusitaniae litterarium* de João Soares de Brito (1611-1664); a

(1) S. v. *Ribeiro (Padre Pedro)* êle dizia em 1755 o seguinte :

« Entre muitas Poesias que compôs se conservão 10 Sonetos no *Cancioneiro* que êle colégio em o ano de 1577 e se conserva ms. na Biblioteca do Duque de Lafoens, que foy do Eminentissimo Cardeal de Sousa ».

(2) As livrarias que mais vezes cita, são as das casas de Abrantes, Cadaval, Ericeira, Lourical, Vimieiro, Conde de Redondo, Marquês de Gouveia, Duque de Lafões.

(3) P. ex. o convento de Verberena que possuia versos de Frei Agostinho da Cruz.

Biblioteca Portuguesa do Padre Francisco da Cruz (fal. em 1700) (1).

E para o século xvii e a primeira metade do xviii conseguiu ser completo assáz. Quanto aos Quinhentistas Sá de Miranda, Bernardes, Camões e principalmente quanto aos adeptos dos *três*, de D. Manuel de Portugal a Gonçalo Coutinho, que não chegaram a publicar as suas poesias profanas, conforme ficou expôsto, Barbosa não estava bastante informado.

Que não soubesse nada do primeiro período da poesia portuguesa, que nem sempre fôsse capaz de indicar o assunto e o paradeiro de manuscritos que gabara, que os louvores dispendidos sejam vagos e excessivos, não deve surpreender-nos.

Quanto aos numerosos florilégios manuscritos, coligidos entre 1550 e 1650, a que aludi na *Introdução*— não conheceu nenhum.

A sua quasi única fonte de informação era exactamente o *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. A êsse, excerptou-o exaustivamente porque estava ao seu alcance, na posse de um magnate que o protegia. O Duque de Lafões (2)

*

Com respeito ao fadário do manuscrito eis o que apurei.

Da posse do Padre Pedro Ribeiro, ignoro se di-

(1) Igualmente a *Laurus Parnassica* de António Figueira Durão.

(2) A livraria Lafões vem citada na *Bibl. Lus.*, I 113, II 54, 232, 441, 524, 665, 672 e 688, às vezes com o acrescento *que foy do Eminentissimo Cardeal de Sousa*. A do Cardeal de Sousa, com as palavras «o qual se conserva Ms. na Livraria do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Duque de Lafões».

rectamente ou por intervenção dos herdeiros, que occupassem algum livreiro da capital, elle passou a de um prelado illustre e illustrado: D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, depois de o ter sido em Braga, e anteriormente bispo de Portalegre e do Pôrto; autor de obras eruditas como a *Historia Ecclesiastica de Braga*, a mesma de Lisboa, e o *Catalago dos Bispos do Porto*. Dono de uma bella livraria (1), cujo *Catalago* (hoje tão raro que nem nas melhores listas o vejo anunciado à venda) se imprimiu em 1627, no Pôrto (2). Depois do seu falecimento (1643) o *Cancioneiro* entrou nas mãos de outro prelado ainda mais nobilitado pelo sangue e pelo saber: D. Luis de Sousa, que é costume chamar o *Cardeal de Sousa*. Nas collecções dele é que Barbosa Machado o viu pela primeira vez, a mais tardar em 1741, anno êsse em que foi adquirido pelo 1.º Duque de Lafões (3), D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa, sobrinho de D. João V (4).

Pelo incêndio subsequente ao terremoto pereceu a livraria Lafões, e com ella o *Cancioneiro de 1577*. Pelo menos é essa a opinião geralmente aceite e re-

(1) Barb. Mach., I, 741 s. v. *Duarte Pacheco* diz que o original do *Esmeraldo* se conservava no seu tempo como o mais precioso ms. em a Livraria do Marquês de Abrantes, e d'elle tinha uma cópia D. Rodrigo da Cunha.

(2) Vid. Inocência, II, p. 51. *Bibl. Lus.*, III, p. 641-646 — Lamento não ter tido ao meu dispôr um exemplar, porque gostava naturalmente de verificar se no Catálogo está registado o *Cancioneiro*, a collecção de Várias Poesias de D. Manuel de Portugal, e a de Gabriel Pereira de Castro.

(3) Veja-se *Bibl. Lus.*, I, p. 113, s. v. *Alvaro Rebêlo*, o artigo em que Barbosa trata o *Cancioneiro de Romanceiro dos Poetas Portugueses*, conhecendo-o ainda imperfeitamente.

(4) Vid. *Hist. Gen. da Casa Real*, VIII 310, 434 e XII 537 seg.

produzida por T. Braga de 1874 em diante. O aparecimento do *Indice* modificou todavia a sua opinião, não se vê bem porquê.

Em 1904, ao dar conta na Academia das Ciências, do feliz achado de Martinho da Fonseca, aventurou a hipótese que o Cancioneiro estaria na livraria Cadaval(1). Em 1909 afirmava que a Biblioteca dos Duques entrara por compra na da *Ajuda*.

Quando lá trabalhei no Cancioneiro do seu nome, instalada com meu marido na casa de Alexandre Herculano, não demos com indícios de tal compra. Mas ela pode muito bem ter sido posterior a 1876(2).

Quanto ao valor do *Cancioneiro*, nem o conjunto dos artigos de Barbosa Machado, nem o *Indice*, embora valiosíssimo, é suficiente para o determinarmos. É-nos desconhecido o estado dos textos de Bernardes e Camões. Eles podiam ser primeiras redacções, ou de pureza definitiva. Da segunda hipótese faz duvidar o não haver acolhido nos seus Florilégios o suave cantor do *Lima* cincoenta e oito dos Sonetos contidos no Cancioneiro. E quanto a Camões, o não haver pelo menos o editor D. António Álvares da Cunha, sobrinho do prelado D. Rodrigo aproveitado em 1668 os textos e as lições que havia no manuscrito.

O mesmo reparo, causa-mo o não ver mencionado o Cancioneiro no artigo Camões, de Barbosa Machado,

(1) A publicação do *Catalago* resumido da preciosa colecção de manuscritos da casa Cadaval pelo próprio Martinho da Fonseca em 1915 desfez todavia essa esperança.

(2) O actual representante da Casa, Ex.^{mo} Sr. Caetano de Bragança, não respondeu à pergunta que lhe dirigi. Talvez o dono da Miscelânea seja mais feliz.

entre as fontes. Teria sido tão simples e tão útil verificar, se todo o pecúlio camoniano nêlle contido entrara, ou não, nas primeiras edições das *Rimas* e em especial na Terceira Parte de *Ineditos* de 1668, que se deve ao D. António Álvares da Cunha, a que já aludi (1).

O caso é tanto mais estranhável porque o autor da *Biblioteca Lusitana* utilizou o Cancioneiro quanto a Bernardes, e os poetas menores, conforme já disse.

Com relação ao *Limiano* dá o breve resumo, seguinte (2) (inexacto apenas com relação ao número das Églogas): « Sonetos 116; Églogas 26 (3); Cinco Cartas; Quatro Canções e huma Ode de Diogo Bernardes estão em o Cancioneiro que no anno de 1577 juntou o Padre Pedro Ribeiro e se conserva M. S. na livraria que foy do Cardeal de Sousa ».

Os Quinhentistas menores — todos menos Jorge de Montemór e Gonçalo Coutinho — que, representados no Cancioneiro figuram também na *Biblioteca Lusitana*, todos êles classificados de *insignes*, são uns quinze ou dezaseis.

Ei-los em ordem alfabética:

Alvaro Rebêlo, I, 112 (4).

Bernardim Ribeiro, I, 518 (5)

Diogo Mendes, I, 674.

Fernão Álvares do Oriente, II, 17.

D. Francisco de Portugal, II, 230 e 254.

(1) *Hist. Gen.*, VIII, 434 e XII, 537.

(2) *Bibl. Lus.*, I, 638.

(3) São doze, e não 26, como o leitor dêste estudo poderá verificar nas minhas listas. Confira-se Braga, *Hist. Cam.*, II, 95.

(4) Cita a Égloga, as Elegias e a Carta, mas não os Sonetos.

(5) Até reproduz a classificação de *excelente* obra que com relação aos *Ecos* se encontra no *Indice*.

Francisco de Sá, II, 254.
Francisco de Sá e Meneses, II, 219.
Gaspar António, II, 332.
Heitor da Silveira, II, 431.
Infante D. Luís, III, 49.
Luís da Vitória, III, 158.
D. Manuel de Portugal, III, 346
Martim de Crasto, III, 437.
Pedro Ribeiro, III, 611.
Simão Rodrigues da Veiga, III, 722.
Simão Silveira, III, 722.

Dos apócrifos, ou seja dos *Sonetos*, etc., atribuídos a D. Vasco de Lobeira, o Infante D. Pedro e *El Rey D. Pedro de Portugal en nombre ajeno* direi duas palavras no último Capítulo.

Depois de Barbosa Machado veio T. Braga, ao cabo de um século pouco propício a investigações literárias. Nos inícios da sua actividade era — como devia — assíduo explorador sobretudo das notícias que havia na *Biblioteca Lusitana* a respeito dos poetas menores, citados, que floresceram entre 1550 e 1650, às quais juntou não poucas conjecturas(1).

Quanto às evoluções que tiveram na mentalidade de Teófilo os supostos furtos e plágios praticados por Diogo Bernardes e, em ponto menor, por todos os imitadores, ou seja às questões de autoria, basta repetir que lhe dava a explicação juvenil e poética que já aleguei mais acima.

(1) Sobretudo em 1871 nos *Quinhentistas*, e 1873 na *Hist. Cam.*, Parte I: Vida de Luís de Camões, II Escola de Camões, Pôrto 1874. — O Cancioneiro, aproveitado por Barbosa Machado da maneira como contei, surge na *Hist. Cam.*, II, 94.

Todos os Sonetos e outros géneros de poesia, impressos fôsse quando e por quem fôsse com attribuição a Camões, mesmo quando os originaes manuscritos lhes davam autor diverso, são, para T. Braga, inquestionavelmente do Mestre (como o tinham sido para Faria e Sousa)(1).

A attribuição a poetas menores provinha simplesmente de que elles haviam copiado e decorado e recitado os versos da sua predilecção tanta vez e com tanto zêlo que finalmente os consideravam como obras da sua própria lavra, já o disse mais acima.

Quem se inteira das acusações e suspeitas de T. Braga não só na *História de Camões* (1873-74), mas mesmo na refundição de 1911, em que se faz *amende honorable* a Diogo Bernardes, fica ainda assim, como igualmente já mostrei, com a impressão que ao ver dele, houve uma verdadeira quadrilha de bandidos letrados, que mancomunados praticaram ou fizeram executar o furto do *Parnaso*, retalhando-o depois em cadernos, ou folhas soltas, para que a obra lírica do Poeta ficasse como a sua vida

pelo mundo em pedaços repartida!

A parcela que coube a cada ladrão é a que foi depois propagada como criação do seu espirito — quer em manuscritos, quer em letra redonda.

Que maior glória do que ser plagiado assim! ex-

(1) Digno de nota, e em harmonia com outras tantas irregularidades dos seus processos criticos é que a-pesar dessa opinião, o próprio T. Braga não aproveitou os textos dúbios no Capítulo II sobre a filosofia do amor e o espirito platónico de Camões como poeta do Renascimento. E insintivamente o mesmo aconteceu com J. M. Rodrigues. Em ambos os casos com leves excepções.

clama Teófilo! Quem não acredita em furtos mas sim em composições alheias inspiradas pela obra do insigne Poeta, e em confusões involuntárias, pode modificar essas palavras dizendo: *Que maior gloria do que haver inspirado tantas e tão distintas imitações.*

Desde que o *Indice* veio à superfície após séculos de escondido — confirmando o que Barbosa Machado estabelecera e mostrando que as poesias de Bernardes, muito mais numerosas do que as de Camões, ocupavam o primeiro lugar, Bernardes já não é ladrão aos olhos dêle e a comunhão espiritual já não conduziu na mentalidade de T. Braga os poetas menores a apropriarem-se o alheio.

A primeira nota no sentido da reabilitação é de 13 de Janeiro de 1898. Foi numa sessão da Academia das Ciências de Lisboa (1). Dando parte do achado do *Indice*, T. Braga disse que por êle se mostrava a injustiça da acusação de plagiário feita a Bernardes.

A demonstração fê-la depois na obra *Camões, Epoca, Vida e Obra* (p. 771 e seg.) e *Camões, Obra Lyrica, e Épica* (p. 130-240). Mas abstraindo dos numerosos erros que comete mesmo aí, há ideas e frases que atestam a sobrevivência do antigo preconceito no espírito do historiador. P. ex. a p. 136: ¿serão plágio de Bernardes? e a p. 170: facilmente se inferia plágio, se com o nome de Diogo Bernardes não estivesse desde 1577 no Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro.

(1) Vid. *Boletim da 2.ª Classe*, Vol. I, p. 2.

V

O ÍNDICE

O título que o *Índice* tem no único manuscrito hoje conhecido, que reproduzo, é *Authores do Cancioneiro manuscrito junto pelo Padre Pedro Ribeiro, e escrito em 1577*.

Quem leu os Capítulos anteriores já não se admirará de que mão diversa e posterior cronologicamente tenha acrescentado a Nótula *que tem o Snr. Arcebispo*.

Ainda assim podia ter dúvidas sobre a identidade dêsse prelado, uma vez que dois a seguir possuíram o Cancioneiro.

Mas antes de 1675 só do segundo se pode tratar, que ocupou a sede metropolitana, sem ser Cardeal, de 1675 a 1697, e como Cardeal Arcebispo até 1707: Do Cardeal de Sousa, portanto.

A *Miscelanea* constitui um volume *in-quarto*. Bastante grosso. De 496 fôlhas de papel de linho encorpado. Originariamente de margens largas para chamadas, ou seja o catalogo dos escritores de que se trata no texto, essas foram todavia em grande parte e sobre tudo na primeira metade, preenchidas com *Anotações*.

A caligrafia é razoável, embora às vezes muito emendada. Em bastantes fôlhas (p. ex. 117 e 124) a tinta corroeu o papel.

Quanto ao conteúdo (*Notados*) temos nela de p. 1 a 468, redigida em português (1), uma colecção abundante de materiais preciosos para uma obra de conjunto, *bibliografica e biografica*, mas por constar de excerptos de outras obras anteriores manuscritas e impressas nacionais e estrangeiras do mesmo género, está cheia de repetições. As datas são da 2.^a metade do século xvii e 1.^a do xviii com acrescentos até 1733 (2). No fim do volume há um *alphabetum* (de f. 469-491). A f. 496 *Laudes Lusitaniae a Sapientia*.

Convem-lhe perfeitamente o titulo que se lê a f. 25 : *In Bibliothecam Lusitanam*.

Assim, à moda antiga, teriam preparado as suas obras João Franco Barreto, João Soares de Brito, o Padre Francisco da Cruz e o próprio Barbosa Machado.

O moderno sistema de papeletas soltas facilitaria a síntese.

Em todo o caso parece-me que o autor merece o louvor que o Conde de Ericeira deu a Severim de Faria dizendo que lhe era natural a arte de fazer bons excerptos (*ars bene excerptendi*).

Sirvam de exemplo os extractos relativos a Bernardim Ribeiro, e note-se que nesse caso como nos demais tanto as indicações biográficas e bibliográficas, como os louvores são os mesmos que se encontram na *Bibliotheca Lusitana* e na *Biblioteca Vetus de Nicolae António* (3).

Em primeiro lugar acho um excerpto da *Europa*

(1) Alguns *Notados* são em castelhano; outros em latim.

(2) Datas que extrai são 1637, 1639, 1641, 1645, 1665, 1671, 1674, 1678, 1683, 1685, 1686, etc.

(3) A f. 147.

Portuguesa de Faria e Sousa (III, N.º 22), em redacção castelhana:

«Bernardin Ribeiro el primero que escrevio Eclogas en España... y el 1.º que escrevió en versos de ocho silabas todo lo que se escreve en las de onze — publicando un Tomo intitulado (*Musa Nueva!!!*)(1). El mismo el que primero escrivió *Sextinas* de consonantes en España. El mismo el 1.º que a las veras *Sextinas* de las vocales repetidas (sic.) añadió segunda recopilacion de las proprias voces con que se quedan mas agradables».

Em outra página (193 v.) registou-se a Nota: *Las Saudades* ou *Tristezas*. Ms. in-4.º ex. Bibl. Tamayo — tirada evidentemente da *Biblioteca Hispana de Nicolas António* (2).

Depois (f. 282 v.) há o resumo seguinte: «Bernardim Ribeiro, mosso fidalgo da caza delRey D. Manuel, o qual servio na caza; seu parente Manuel da Silva Mascarenhas, fidalgo da casa delRey, Governador da fortaleza do Outão, fez imprimir as suas obras como Primeira e Segunda Parte das Saudades de Bernardim Ribeiro, Lisboa, Paulo Crasbec 1645; falla d'elle no prologo e diz era coirmão de seu auo. A obra saira primeiro co titulo de *Menina e Mossa*. No mesmo tomo se contem cinco excellentes Eclogas e hũ Romance. — Manuel de Faria 1.ª Parte da Fonte Aganipe editou segunda. No Discurso dos Sonetos que anda no principio, n. 4 diz: Bernardin Ribeiro, poeta bien conocido a quien llamaua su Enio el divino Camões, era natural de la Villa del Torram, hidalgo de

(1) ¿De onde viria essa curiosa invenção?

(2) Vol. I, 140: Tribuit quoque ei D. Thomas Tamajus *Las Saudades o Tristezas* opus aliud Ms. in-4.º.

nacimiento y Jurista de profession; dado a las amorosas passiones y tristezas i soledades que de noche se quedava algunas vezes por los bosques y a las margenes de los rios gimiendo y llorando. Tuve amores con la Infanta D. Brittes filha del Rey D. Manuel. Escriuió Eclogas e outros versos, e suas prosas intituladas a *Menina e Moça* ou *Saudades* de Bernardin Ribeiro. Vivia quando a Infanta foy para Saboya no ano 1521 ».

«Faria, Parte 3.^a da *Fonte*, no Discurso ao principio sôbre as composições que há na dita Parte, n.^o 20, fallando das Sextinas: El 1.^o en quien las hallo en Hespanha es B. R. que florecia por los años 1500, aunque no en versos endecassílabos mas en redondilhas, i faltanle los tres versos que las sirven de remate ».

«O mesmo Faria, 3.^a Parte da dita *Fonte*, Centuria 2.^a dos Madrigaes (Madrigal 33) lhe diz o seguinte:

Bocacio Lusitano
en la empresa amorosa
de bella humana diosa
te constituye el hado soberano
al son de acorde lira
adonde sempre en vano
tu corazon suspira:
viviendo de vanissimos amores
moriste de dexarlos con dolores.
Oh Bernardin feliz, feliz tu suerte
que un morir largo te atajó la muerte.

Id. Faria na Parte 4.^a do Discurso sôbre as *Elegias*, donde êles constam, n.^o 10 diz: «En Portugal uvo las de Bernardim Ribeiro, todas en versos menores, con lindos afectos y creyo ser el el 1.^o que las escribio, en España a lo menos, capazes de ser leidas ».

Na margem lê-se ainda: «Entre as Rimas de Estevam Roiz impressas anda hũa boa Ecloga, interlocutores Ergasto, Delio e Laureno que não he do Esteuão, se-não de quem denotão estas letras *D. B. R.* que parece ser Bernardim Ribeiro. As mesmas letras tem hũ Soneto e hũas chamadas Balatas» (1).

Para amostra do que é a *Miscellânea* creio que é suficiente.

Passemos à parte bernardiana do *Indice*.

(1) «Enio Portuguez o chama Manuel de Faria no Comento à Centuria 1.^a dos Sonetos de Camões, Soneto 19». Mas não é aí mas sim no Comentario do Soneto 22 da Centuria 2, que se acha o passo indicado.

VI

REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA DO ÍNDICE

F. 187 v. *Autores do Cancion^o ms.*
junto pelo P. P. Rib.^o e escrito no anno 1577.

(1) * *que tem o snr. Arcebp^o.*

a) *Diogo Bernardes*

Diogo Bernardes: Sonet. Tu que damor cruel nunca sentiste

Sonet. Aqui de nouos males breue historia

Sonet. Chorei e cantei ja a cruel guerra

Sonet. Dos olhos por quem perdi a liberd^e

5 Sonet. Do branco lirio e uermelha rosa

Sonet. Q^{do} se uolue a my a luz serena

Sonet. Q' coração ha sn^{ra} q' resista

Sonet. Olhos crueis, crueis olhos fermosos

Sonet. Doces serenos olhos q tão caro

10 Sonet. Q' me pode ualer se me não val

Sonet. Mil uezes determino não uos uer

F. 188

Sonet. Q^{tas} penas amor, q^{tos} cuidados

Sonet. Olhos em meu dano conjurados

Sonet. Não sei q remedio tenha, nem sei q

15 Sonet. Tanto forão snra acostumãdo

Sonet. Se lagrimas choradas de uerd^{de}

(1) Acrescento posterior, conforme já expliquei.

- Sonet. De mil sospeitas uans se me aleuantão
Sonet. Sombrio e uerde bosque onde se acolhe
Sonet. Como estão dize só tão descudada
20 Sonet. Amor cruel, fortuna e duros casos
Sonet. Verdes e altos ualles e alta serra
Sonet. Pois não canção os meus olhos de chorar
Sonet. Ponhame onde quizer o triste fado
Sonet. Sn^{ra} uos sois de neu e alua e fria
25 Sonet. Da mais fermosa Nimpha q se banha
Sonet. Ha camanha enueja amor me manda
Sonet. Claro e doce Ribeiro fresco e brando
Sonet. Montes ualles bosques uerdes prados
Sonet. Anda Sn^{ra} minha ca temendo
30 Sonet. No nosso claro Lima e turuo Douro
Sonet. A borda de hū Ribr^o q corria
Sonet. Pois ainda bem de ty non fui absente
Sonet. Onde acharte, Belisa, tão bom meyo
Sonet. Nas aguas de hūa fonte hum dia olhaua
35 Sonet. Não sei q murmurais aguas serenas
Sonet. Ou uos deixai o rios de correr
Sonet. Ao som das brandas aguas q cayão
Sonet. Depois de tantos dias mal gastados
Sonet. Nouos casos damor nouos enganos
F. 183 v. 40 Sonet. Assy nunca no inuerno ou no estio
Sonet. Tanto gosta do mal o sentim^{to}
Sonet. Q^{do} de minhas magoas a comprida
Sonet. Correm turvas as aguas deste rio
Sonet. Com gr^{es} esperanças já cantei
45 Sonet. Depois q o fero amor quiz q passasse
Sonet. Com noua isenção de pena dura
Sonet. Aquella q de pura castidade
Sonet. Fermosos olhos em quem quiz a uentura
Sonet. Todo o animal da calma repousaua

- 50 Sonet. Ja a saudosa Aurora destoucaua
Sonet. Cantando estaua hū dia bem seguro
Sonet. A perfeição, a graça e o graue aspecto
Sonet. Quem uos leuou de my, saudoso estado
Sonet. Contente me ui ja uendome isento
- 55 Sonet. Q^{do} se uir com agua o fogo arder
Sonet. Cos olhos em Rugerio Bradamante
Sonet. A desauentura triste a triste fado
Sonet. Lembranças saudosas y de quando
Sonet. Doces lembranças minhas do passado
- 60 Sonet. Não perturbeis minh al pensamen^{tos} (*sic*)
Sonet. Ao longo de hum Ribr^o q corria
Sonet. Lagrimas cançadas q correndo (*sic*)
Sonet. Ja não sinto snra os enganos
Sonet. Claras e doces aguas do Mondego
- 65 Sonet. Sae a minh alma as uezes a buscaruos
Sonet. Ay q^{tos} ais perdi, ay de my quantas
Sonet. Se entre as Deosas q uiu la no monte Ida
Sonet. Vede quão pouco posso q não basto
Sonet. Musa q tanto ha q nesta praya
- 70 Sonet. Doces aguas do Tejo q buscando
Sonet. Quão caro uende amor hum gosto seu
Sonet. Onde porei meus olhos q não ueja
Sonet. Os olhos por quem eu em fogo ardia
Sonet. Filiz se não tão branda a uiua uea
- 75 Sonet. En la corteza de una haya umbrosa
Sonet. Las piedras por el aire daran buelo
Sonet. El pecho en biuas llamas encendido
Sonet. Ni prados llenos de hermosas flores
Sonet. Dime muerte cruel si estas ufana
- 80 Sonet. Pa q lembr^{as} tristes gastaes tempo
Sonet. Cruel inimiga mia ado te fueste
Sonet. Bem sei amor q he certo o q arreceo

Sonet. Quem fosse acompanhando juntam^{te}

Sonet. Memorias ofendidas q hum so dia

85 Sonet. A terra o ceo e o uento assocegado

Sonet. A minha Filix fermosa, assy deixaste

Sonet. Sn^{ra} minha a quem cõ quanto tinha

Sonet. Julgame a gente toda por perdido

Sonet. No tempo q de amor uiuer soya

90 Sonet. Traida en sacrificio Policena

Sonet. Q' pude ser sn^{ra} antes q os uisse

Sonet. Eu arso em fera chama, mas ao agooa (sic)

Sonet. Mudãose os tempos e as uontades

Sonet. Tristes uersos a quem faltou uentura

95 Sonet. De uossa mão hũa carta escrita tenho

Sonet. Q quer amor de my q ja não tenha ?

Sonet. Ay q^{tos} dias perdi, ay de my quantas. *Esta asima* (1)

F. 189 v.

Sonet. Esta terra pequena he ocupada

Sonet. Alma q nesta uida despediste

100 Sonet. Os olhos por quem eu em fogo ardia (2)

Sonet. Compridas esperanças magoadas

Sonet. Daquelle uiuo sol sereno e claro

Sonet. Ala em Monte rey em bal de Lassa

GALEGO

Sonet. Porq me fai amor ainda ca torto

ITEM

105 Sonet. Ay niño cruel, e niño creido

ITEM

Sonet. Casaron con Benita y con Marina

ITEM

Sonet. Burlaron en el corro essotro dia

ITEM

(1) Vid. N.º 66.

(2) Deveria ter também a nota *Esta asima*, visto que já figura com o N.º 73.

Sonet. De noute a Madanela uay segura

(GAL.?)

Sonet. Virgem fermosa q do sol uestida

110 Sonet. Dos uossos olhos mais q o sol fermosos

Sonet. O Virgem piedosa e quem uira

Sonet. Q' coração será q neste dia

Sonet. O noute santa inda q escura

Sonet. Felice estrella q os 3 Reys guiaste

115 Sonet. Bem uejo q o chorar he em uão (*sic*)

Sonet. A mão celeste do pintor diuino

Eleg. Por cumbres y por valles sin camino

Eleg. Quam docem^{te} agora aqui cantaua

Eleg. Ornaua Eliso o tumulo da bella

120 Eleg. Doce alma amorosa doce esprito

Eleg. La sierra fatigando de contino

Eleg. Pues aquel gr^de amor q me tuuiste

Eleg. Aquella gr^de furia q reciué

Eleg. Q^{do} su escuro manto y tenebroso

125 Eleg. Cantaua Acido (*sic*) hum dia o som das aguas

Eleg. Diuino esprito como te não moue

Eleg. Aquella uerdad^{ra} penitente

Eleg. Q coração tão duro q uontade

Eleg. Eu de uos q direi, virgem sagrada

F. 190

130 Epist. Duuidosa esperança certo medo

Epist. Não porq a algum bem tenha esperança

Canção — Bem puderas inda q de enganós

Canção — Pastora mia mas blanca y colorada

Oda — Detem hum pouco o Musa o largo pranto

135 Canção — Aqui uiui num tempo alegrem^{te}

Epist. Ay de mi q no soy mio

Epist. Contaria el marinero

Epist. Buelue sn^{ra} tus ojos

Epist. Mil cosas temi de amor

- 140 Canção—Passando uou hora hum, hora outro monte
Eclog. Mientras q Limiano en las ondas
LIMIANO
Eclog. Al fertil campo de la gran ribera
FENISA
Eclog. Cantemos mi Tireno aqui, cantemos
MENANDRO e TIRENO
Eclog. Junto del claro Lima, dulce rio
FENISA
- 145 Eclog. Viste q^{do} hoje abrio ò Milibeu
SILENO e MELIBEU
Eclog. Como dormes Menandro descançado
SILUIO, MENANDRO, FRANCO, LIMIANO
Eclog. Num solitario ualle fresco e uerde
FLORA TIRSO MELIBEO
Eclog. Ves aquella agua saudosa
LIMIANO ALPINO
Eclog. Agora Alcido emq^{to} o nosso gado
DELIO, ALCIDO, GALICIO
- 150 Eclog. Limiano do mar a longa praya
CELIA
Eclog. Pasce (*sic*) minhas ouelhas, eu emq^{to}
FILIZ — MARILIA
Eclog. Dizeme rudo cabreiro este rebanho
FERN.^{DO} ROD.^O INEZ

F. 190 v.

b) *Do mesmo liuro. Luis de Camões*

Sonet. (1) Todo o animal da calma repousava
Sonet. Ja a saudosa aurora destoucava
Sonet. Rezão he ja q minha confiança

(1) Aqui as explicações estão naturalmente à direita dos textos.

- Indo o triste pastor todo embebido
5 Penando esperei se acabaria
Sn^{ra} minha se a saudade
Apartavase Enone do lugar
Se algũa hora em uos a pied^e
P^a q queres sn^{ra} q padeça
10 Alma minha gentil q te partiste
Tam confuso estou no sentim^{to}
Ja amor daua lugar q o pensam^{to}
Apartauase Nise de Montano
Eu uiui ja de lagrimas izento
15 O filho de Latona esclarecido
Num bosq q de Nimphas se habitaua (1)
Q he isto q nalma sento se não he amor
Fiouse o coração de m^{to} izento
Em fermosa Letea se confia
20 Como fizeste Porcia tal ferida
De só dentro na minh alma uos trazer
Q doudo pensam^{to} he o q siguo
Se q^{do} (2) uos perdi minha esperança
O rayo douro fino se estendia
25 Mostrando o tempo esta uaried^e
Suspiros inflamados q contaes
Qd^o o sol encuberto uay mostrando
Se depois de esperança tão perdida
Pensam^{tos} (3) q agora nouamente
30 Busque amor nouas artes nouo engenho F. 191
Sempre a rezão uencida foy do amor
Gr^{de} tempo ha q soube da uentura

(1) Falta na lista de T. Braga.

(2) *De quando* na lista de T. Braga.

(3) Pensamento.

- Tanto de meu estado me acho incerto
Q^{tas} uezes do fuso se esquecia
35 Está o lasciuo e doce passarinho
Apartaua-se Nise de Montano (1)
Chara minha inimiga em cuja mão
Qual graue delinquente condenado
Vos q habitaes nos rios o Nayades
40 Amor cõ esperança ja perdida
Este amor q uos tenho limpo e puro
Q^{do} cudo no tempo q contente
Lembranças saudosas se cudaes
Alegres campos, uerdes aruoredos
45 Quem ue sn^{ra} claro e manifesto
Ferido sem ter cura parecia (*sic*)
Se as penas q por uos o Dama ingrata
Quem quizer uer d'amor hũa excellencia
Em flor uos arrancou d'então crescida
50 Aquelles bellos olhos q chorando
Estremos diuersos diuersos pensam^{tos}
Quem uos fez perder saudoso estado (2)
Transformase o amor na couza amada (*sic*)
Q^{do} uejo q meu destino ordena
55 Tomaua Daliana por uingança
Q poderei do mundo ja querer
Sn^{ra} desta alma minha perdoai
Debaixo desta pedra está metido
D. JOÃO DE CASTRO
Q me queres, eternas saudades
60 Se a fortuna inquieta e mal olhada (3)

(1) Está como N.º 13.

(2) Vid. Diogo Bernardes, 53.

(3) Falta na lista de T. Braga.

Quem jaz no grão sepulchro q descreue

D. João III

- Sonet. Do grão thesouro q hora uejo e noto F. 191 v.
Sete anos de pastor Jacob seruia
P^a se namorar do q formou
65 A sombra se mostra aqui dentro nesta essa(1)
Eleg. e Q nouas tristes são q nouo dano (1668)
segntes O poeta Simonides fallando (1595)
Aquella q de amor descomedido (1595)
O Sulmonense Ouidio desterrado (1595)
70 Se qd^o contemplamos as secretas (1616)
Canção Fogem as neues frias (1595)
e reliquæ As instabilid^{es} da fortuna (1595)
Com força desusada (1595)
Mandame amor q cante docem^{te} (1595)
75 Ferosa e gentil dama qd^o uejo (1595)
Se este meu pensam^{to} (1595)
Junto dum secco fero esteril monte
Vinde ca meu tão certo secretario (1595)
Ja a roxa aurora clara (1595)
Epistolæ 80 Quem pode ser no mundo tão quieto (1595)
Como nos uossos hombros tão constantes (1595)
Sextinæ Fogeme pouco a pouco a curta uida (1595)
Sextina Tão suaue tão fresca e tão ferosa
Capitolo Aquelle mouer d'olhos excellente (1595)
Canção 85 Sobolos rios que uão (1595)
Disparates Este mundo es el camino (1595)
Canção Querendo escreuer hum dia (1595)
Ecloga: Q grd^{es} uariedades uão fazendo (1595)

UMBANO (sic) AONIA FRONDELIO

(1) Como há uma repetição, não havia na realidade senão
64 Sonetos.

*

Do mesmo. — Jorge de Montemayor

- Jorge de Montemayor
- Sonetos. No ay mal q fin no tenga ni contento
Olvidese de my quien me ha robado
Se amor es puro amor, porq me ofende
Passaua amor su arco desarmado
- Elegias Si lagrimas no pueden ablandarte
Entreguese la uida al sofrim^{to}.
- Canções Cançado está d'oirme el claro rio
No mas, Nimfa cruel ya estas uengada
No me deste. o crudo amor (1).

*

Do mesmo. Heitor da Silura

- Heitor da Silura
- Sonet. Theseu Teseu e por Theseu perdida

*

Do mesmo. — Luis de Vitoria

F. 192 v.

- Luis de Vitoria
- Sonetos. Tan sin concierto assy se embrauecia
Era la tempestad tan sin concierto
Mira a todas las partes con gran pena
Estaua así suspensa y toda fria
Mostro en este camino tanta gana

(1) Nota 1.^a acrescentada: «Su Diana. Pompelona 1578». —
Nota 2.^a posterior: «Item Valentia 1602. 8.^o».

*

Do mesmo. — Pedro Ribeiro

Pedro Rib^o Sonetos. Espirito mais q raro e pereg^{no}
Se querês uer engenho delicado
Quem fora tão ditoso auara terra
Escuro he o sol em q uiuia
Fazendo de *boninas* dous mil molhos
Se lembranças saudosas não matassem
Qual o graue doente q affligido
Fassa ja seu deuer meu duro fado
Se a soberba Ferrara tanto estima
Outro nouo engenho e noua lira.

*

Do mesmo. Simão Roiz da Veiga

Simão Roiz da Veiga Sonetos. Passa o tempo no campo o passarinho
Se me deixara a dor d'um accidente
Elegia Buelue, Filix hermosa, do este llano
Soneto Não ay ja q esperar nem q temer

*

Do mesmo. D. Simão da Silur^a, o velho

D. Simão da Silur^a Soneto. Cesse, sn^{ra}, ya tu dura mano

*

F. 193 *Do mesmo. D. Fran^{co} de Portugal
f^o do Conde do Vimioso*

D Fran^{co} de Portugal *Elegia.* Oluidado de my por este llano

*

Do mesmo. Martym de Crasto do Rio

Mym de
Crasto do
Rio. *Elegia.* A ty meu bom Jesu q offendi tanto

*

Do mesmo. An^{to} de Moraes

An^{to} de
Moraes *Soneto.* Mil couzas q suppoem a fantasia

*

Do mesmo. Duq^e de Aveiro

Duq de
Aveiro *Soneto* Que leuas crua Morte?—o claro dia (1)

*

Do mesmo. Diogo Mendez

Diogo
Mendez *Sonetos* Estaua o brauo mar assocegado
Eurotas foy de m^{tos} celebrado
Dum pensam^{to} graue combatido
Febo, ao som da uossa agua caballina

*

Do mesmo. D. G^{to} Coutinho

D G^{to}
Coutinho *Soneto.* O cantardesme assy na uossa lira

(1) Nota posterior: «Excelente Soneto por perg^{tas} e repostas».

*

Do mesmo D. Vasco de Lobeira

D. Vasco de Lobeira *Soneto.* Vinha amor pello campo trebelhando (1)

*

F. 193 v. *Do mesmo. Fernão d Alurz do Oriente*

Fernão d Alurz do Oriente *Elegia.* Sayão desta alma triste e magoada

*

Do mesmo. Franco de Sa op^{to}

Franco de Sa Senior *Elegias.* O bom Jesu, e porque me não uejo
A Madanela o seu espozoz buscaua (2)

*

Do mesmo. Bernardim Ribr^o

Bernardim Ribr^o *Equos.* Equo, pois pello mal meu (3)

(1) Nota marginal posterior: «Delle diz Miguel Leyte Ferr^a, no prin^{io} das obras de seu Pay Ant^o Ferr^a, e no fim das erratas: He a mesma (*riscado*) linguag^e antiga q se costumaua neste reyno em tempo del Rey D. Diniz e he a mesma em q foy composta a hist^a d Amadis d Gaula por Vasco de Lobr^a n^{al} da Cidade do Porto cujo original anda na caça d Au.^{ro}; diuualgarasse em nome do Inste D Aff.^o fo ro gen^o do mesmo Rey».

(2) Nota posterior: «Na liu^{ia} de D. Ant^o Alurz da Cunha estão suas obras uarias ms. in fol. As suas Comedias impress. Lix^a 1622. 4».

(3) Nota posterior: «Excellentes. — *Las saudades ou tristezas* ms. in 4^o ex. Bibl. Tamay».

*

Do mesmo. Gaspar An^{to}

Gas An^{to} Egloga. Foy d'antre o Douro e Minho desterrado (1)

*

Do mesmo. Infante D Pedro

Infante
D. Pedro

Soneto.

D. Basco de Lobeira e do grão sem,
De prão, q uos auedes bem contado
O feito d'Amadis o namorado
Sem quedar ende de contar item (por: *i rem*)
Però tanto nos aprouge e atam bem
Que uos sempre serês ende loado
Entre os homês bons por bom mentado
Que uos leron o deante e hora lem.

Mas però uos figuestes (*sic*) à fermosa
Vriolanja amar hu a nom amaron
Esto cambai [e] cumpra sa uontade

Porq eu ei gram do d a uer queixosa
Por sa gram fermosura e sa bondade
E porq her emfim non lho pagarom.

*

Do mesmo. Rey D Pro de Portugal

F. 194

El Rei
D Pro

Ado hallarã holgança
mis amores

(1) «He de 9 folhas; interlocutores Menandro Hergasto, Lisandro Argeo».

ado mis graues temores
segurança
Pues mi suerte
de una en otra cumbre lleuantado
llegome a uer d'elado tu hermosura
despues la frente pura frente a frente,
vi en blando accidente amortecido
Passome el sentido tan adentro
q ha llegado al centro do amor biue
Mas como no recibe mi razon
tu fiera condicion entre las manos
desechos mis deseos entre las manos (sic)
de un sobresalto el alma has arrazada
los montes echos llanos
do toda mi esperança era fundada
Si esto das por uida q por muerte
dar, sn^{ra}, podrá pecho tan fuerte

*

Acaba aqui, a meu ver, o *Indice*, com a particularidade de apresentar no fim duas composições arcaicas integralmente. A metade de baixo da fôlha 194 está em branco. No verso segue-se, isolado mas com a mesma letra e tinta, o distico *Infante D. Luis, attribue-se-lhe este Soneto*

Horas breves de meu contentamento,

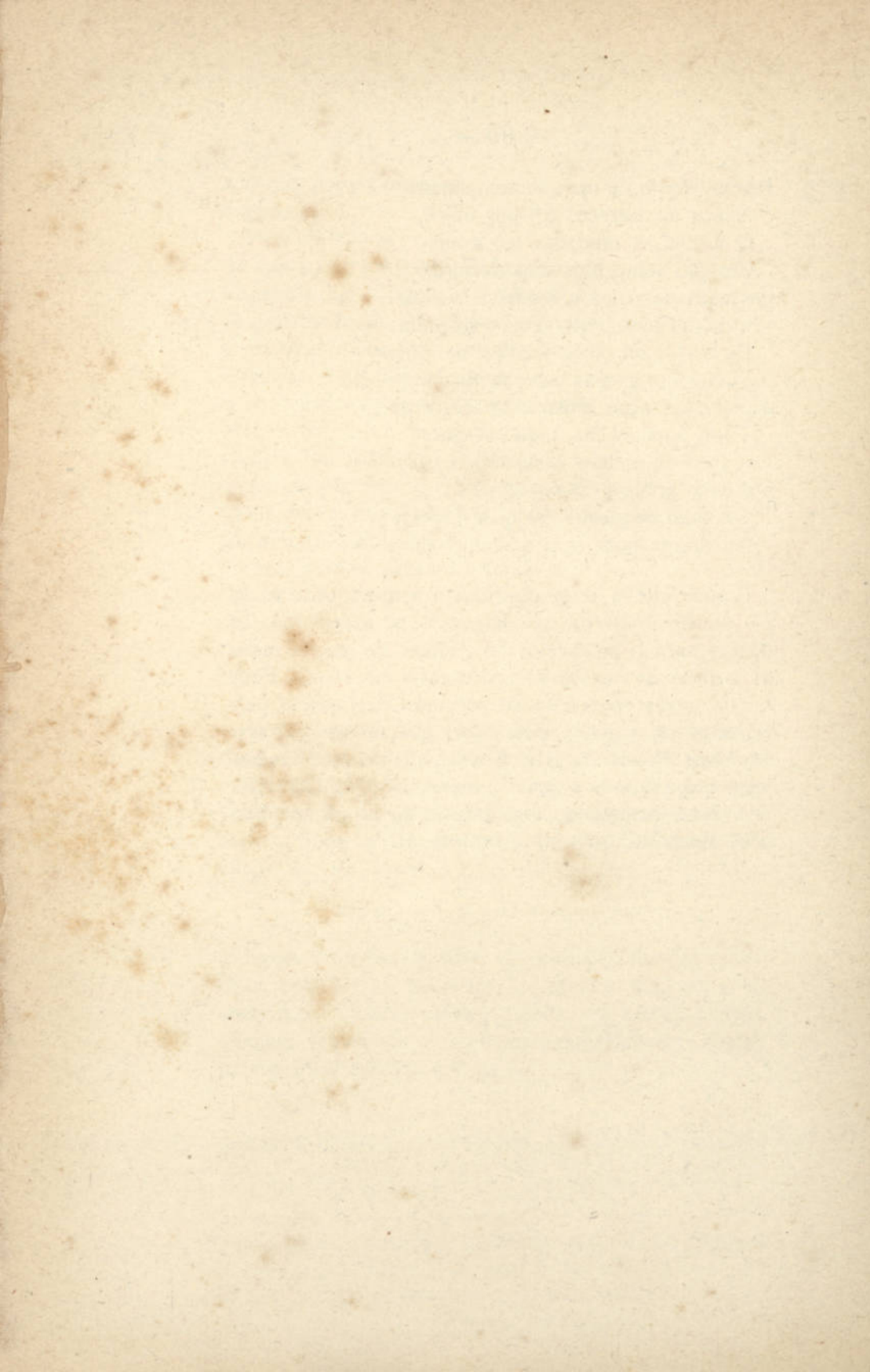
e depois a formosa poesia, na mais perfeita das redacções, com a nota posterior, da mesma mão como as anteriores: «Este soneto glossou em tantas oitavas quantos versos tem, excellentemente Baltasar Estaço na sua *Poesia Varia* a f. 94».

Infante
D Luis

Horas breues de meu contentamento
Nunca me pareceo q^{do} uos tinha
Q uos uisse mudadas tão azinha
Em tão compridos dias de torm^{to}
Os meus castellos q fundei no uento
O uento mos leuou q mos sostinha :
Do mal q me ficou a culpa he minha
Pois sobre couzas uans fiz fundam^{to}
Amor com falsas mostras aparese (sic)
Tudo possiuel faz, tudo assegura
E logo no melhor desaparese (sic)
Oh dano gr^{de} e gr^{de} desuentura
por hum pequeno bem q desfallesse
Auenturar hum bem q sempre dura.

Como falte à testa do Soneto a usual observação *Do mesmo* (= livro), não há razão ou mesmo não há direito para o incluirmos no *Indice*: de mais a mais, as poesias de Estaço só apareceram em 1604. Pode ser um acrescento, feito ao próprio *Cancioneiro*, pelo primeiro ou segundo possuidor, que talvez o tirasse da *Feniç Renascida* (III, p. 252; 1618), ou do manuscrito explorado por quem o meteu naquela Colecção.

A Nota respectiva, essa passou ao artigo que Barbosa Machado dedicou ao *Infante* (III, p. 490).



VII

INDICE ALFABÉTICO E RAZOADO DAS POESIAS DE DIOGO BERNARDES QUE ESTÃO REGISTRADAS NO ÍNDICE

1. SONETOS

- 31 Á borda de um ribeiro que corria
 FLORES, N.º 46. — CAMÕES, 1668: *Na
 margem.*
- 116 * A mão celeste do pintor divino
 Repetido no *Índice*, com atribuição a
 ALVARO REBELO, *in.*
- 52 A perfeição, a graça e o grave aspecto
 CAMÕES, 1598. — Atribuído de resto
 também a D. MANUEL DE PORTUGAL
 no *Canc. Luis Franco* e no *Canc.
 Ebor.*, CIV-2-2, fl. 122 v.; e a ESTE-
 VAM RODRIGUES DE CASTRO no *Canc.
 F. Thomas.*
- 85 * A terra, o ceo e o vento assossegado
 CAMÕES, 1616 e 1685.

- 26 Ah camanha enveja amor me manda
FLORES, N.º 41.
- 57 * Ah desventura triste, ah triste fado, *in.*
- 86 * Ah minha Filis fermosa, assi deixaste, *in.*
- 103 Alá em Monterey em bal de Lassa, *gal.*
CAMÓES, 1668.
- 99 Alma que nesta vida despediste
FLORES, N.º 92.
- 20 * Amor cruel, fortuna e duros casos, *in.*
- 29 Ando, senhora minha, ca temendo
FLORES, N.º 34.
- 61 * Ao longo de um ribeiro que corria, *in.*
- 37 Ao som das brandas aguas que caiam
FLORES, N.º 45.
- 47 Aquela que de pura castidade
CAMÓES, 1598.
- 2 Aqui de novos males breve historia
FLORES, N.º 2. — CAMÓES, 1685: *Aqui
de longos males.*
- 40 * Assi nunca no inverno ou no estio, *in.*
- 105 * Ay niño cruel e niño crudo, *gal., in.*

66 e 97 Ay! quantos ays perdi! ay de mi quantas

FLORES, N.º 76.

82 Bem sei, amor, que é certo o que arreceo

CAMÓES, 1598.

115 * Bem vejo que o chorar é em vão, *in.*

107 * Burlaron en el corro essotro dia, *gal., in.*

51 Cantando estava um dia bem seguro

CAMÓES, 1616.

106 * Casaron con Benita y con Marina, *gal., in.*

64 Claras e doces aguas do Mondego

CAMÓES, 1616.

27 * Claro e doce ribeiro, fresco e brando, *in.*

44 Com grandes esperanças ja cantei

CAMÓES, 1598.

46 * Com nova isenção de pena dura, *in.*

19 * Como estás, dize, sò tão descuidada, *in.*

101 * Compridas esperanças magoadas, *in.*

54 Contente vivi ja, vendo-me isento

CAMÓES, 1668. — *Canc. Luis Franco.*

— *Canc. F. Th.*

43 Correm turvas as aguas deste rio

CAMÓES, 1616.

- 56 * Cos olhos em Rugerio Bradamante
Atribuído no próprio *Indice* (fl. 192) a
ALVARO REBELO.
- 81 * Cruel inimiga mia, adó te fuiste, *in.*
3 Chorei e cantei ja a cruel guerra
FLORES, N.º 3. — CAMÕES, 1685: *Cantei
um tempo, agora choro a guerra.*
- 25 Da mais fermosa ninfa que se banha
FLORES, N.º 33.
- 102 * Daquelle vivo sol sereno e claro, *in.*
17 De mil sospeitas vans se me alevantam
FLORES, N.º 70. — CAMÕES, 1668.
- 108 De noute a Madanela vay segura
Bom Jesus, p. 90.
- 95 * De vossa mão hũa carta escrita tenho, *in.*
38 Depois de tantos dias mal gastados
FLORES, N.º 78. — CAMÕES, 1595. —
Cfr. BRAGA, *Obra Lyrica e Epica*,
p. 149.
- 45 Depois que o fero amor quis que passasse
CAMÕES, 1598.
- 79 * Di-me, muerte cruel, si estás ufana, *in.*
5 Do branco lirio e da vermelha rosa
FLORES, N.º 6: *Da branca neve*(?)

- 30 · No nosso claro Lima e turvo Douro
FLORES, N.º 42.
- 70 * Doces aguas do Tejo que buscando, *in.*
- 59 Doces lembranças minhas do passado
CAMÕES, 1668.
- 9 * Doces, serenos olhos que tão caro, *in.*
- 4 Dos olhos por quem [eu] perdi a liberdade
FLORES, N.º 5.
- 110 * Dos vossos olhos mais que o sol fermosos, *in.*
- 77 * El pecho en bivas llamas encendido, *in.*
- 75 * En la corteza de una haya umbrosa, *in.*
- 08 * Esta pequena terra é ocupada, *in.*
- 92 * Eu arço em fera chama mas a agua, *in.*
- 114 Felice estrela que os tres reis guiaste
Bom Jesus, p. 85: *Ditosa estrela.*
- 48 Fermosos olhos em quem quis a ventura
CAMÕES, 1668 e 1685: *Olhos fermosos.*
- 74 Filis, se não tão branda a viva vea
FLORES, N.º 85.
- 26 Ha camanha — *Vid.* Ah.

- 50 Ja a saudosa aurora destoucava
CAMÓES, 1598 (*Já a roxa e branca a. d.*)
e N.º 2 dêste *Índice*, na parte rela-
tiva a Camões.
- 63 Ja não sinto, senhora, os [des]enganos
CAMÓES, 1668.
- 88 Julga-me a gente toda por perdido
CAMÓES, 1616.
- 62 * Lagrimas cançadas, que correndo (*sic*), *in*.
- 76 Las piedras por el aire daran vuelo
FLORES, N.º 56.
- 58 * Lembranças saudosas, ide quando, *in*.
- 84 Memorias ofendidas que um só dia
CAMÓES, 1861 (*Luis Franco*).
- 11 Mil vezes determino não vos ver
CAMÓES, 1668.
- 28 Montes [e] vales, bosques verdes, prado
FLORES, N.º 38.
- 93 Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
CAMÓES, 1595.
- 69 Musa que tanto ha [ja] que nesta praia
FLORES, N.º 35: *Musas que tendes feito
nesta praia.*

- 60 * Não perturbeis minh'alma, pensamentos, *in.*
- 35 Não sei que murmurais, aguas serenas
FLORES, N.º 50.
- 14 Não sei [que] remedio tenha, nem sei que
FLORES, N.º 16.
- 34 Nas aguas de uma fonte um dia olhava
FLORES, N.º 49.
- 78 * Ni prados llenos de hermosas flores, *in.*
- 89 No tempo que de amor viver soía
CAMÓES, 1598.
- 39 Novos casos de amor, novos enganos
FLORES, N.º 77. — CAMÓES, 1668.
- 113 Oh noute santa [e clara], inda que escura
Bom Jesus, p. 85.
- 111 Oh Virgem piedosa e quem vira
Bom Jesus, p. 46: *Oh Virgem bela e
branda, quem ja vira.*
- 8 * Olhos crueis, crueis olhos fermosos, *in.*
- 13 * Olhos em meu dano conjurados (*sic*), *in.*
- 33 * Onde achaste, Belisa, tão bom meio, *in.*
- 72 Onde porei, meus olhos, que não veja
FLORES, N.º 51. — CAMÓES, 1668.

73 e 100 Os olhos por quem eu em fogo ardia
Impossível dizer, se era idêntico ao
Soneto *Os olhos onde o casto amor
ardia*, impresso nas *Rimas ao Bom
Jesus*, fl. 80 (p. 132) e metido nas
Rimas de CAMÕES desde 1685.

36 * Ou vós deixai, oh rios, de correr, *in*.

32 * Pois ainda bem de ti não fui ausente, *in*.

22 * Pois não cançam meus olhos de chorar, *in*.

23 * Ponha-me onde quiser o triste fado, *in*.

80 * Porque (1), lembranças tristes, gastais tempo, *in*.

104 Porque me fai amor ainda ca torto, *gal*.
CAMÕES, 1668.

71 Quão caro vende amor um gosto seu
FLORES, N.º 74.

42 Quando de minhas magoas a comprida
CAMÕES, 1598.

55 Quando se vir com agua o fogo arder
CAMÕES, 1668.

6 * Quando se volve a mim a luz serena, *in*.

(1) Creio que devemos ler *Porquê* em vez de *Para que*.

- 12 Quantas penas, amor, quantos cuidados
FLORES, N.º 25. — CAMÕES, 1685.
- 7 Que coração, senhora, ha que resista
FLORES, N.º 10.
- 112 * Que coração será que neste dia, *in*.
- 10 Que me pode valer, se me não val
FLORES, N.º 15.
- 91 * Que pude ser, senhora, antes que os visse, *in*.
- 96 Que quer amor de mi que ja não tenha
FLORES, N.º 52.
- 83 Quem fosse acompanhando juntamente
CAMÕES, 1598.
- 53 Quem vos levou de mim, saudoso estado
CAMÕES, 1668; e N.º 52 do Indice ca-
moniano: *Quem vos fez perder sau-
doso estado.*
- 65 * Sae a minh'alma às vezes a buscar-vos, *in*.
- 67 Se entre as deusas que viu lá no monte Ida
FLORES, N.º 22: *Se quando viu as
deusas no monte Ida.*
- 16 Se lagrimas choradas de verdade
FLORES, N.º 13: *Se lagrimas d'amor
e [de] saudade.* — CAMÕES, 1685.

- 87 * Senhora minha, a quem com quanto tinha, *in.*
- 24 Senhora, vos sois de neve alva e fria
FLORES, N.º 19.
- 18 Sombrio e verde bosque onde se acolhe
FLORES, N.º 39 (e Egloga X).
- 41 * Tanto gosta do mal o sentimento, *in.*
- 15 Tanto foram senhora acostumando
CAMÓES, 1668 e 1685: *Tanto se foram,*
ninfa, costumando.
- 49 Todo o animal da calma repousava
CAMÓES, 1595; e N.º 1 do Índice ca-
moniano do *Canc. P. P. Ribeiro.*
- 1 * Tu que d amor cruel nunca sentiste, *in.*
- 90 Traida en sacrificio Policena
SÀ DE MIRANDA, N.º 94 (Soneto 18).
- 94 * Tristes versos a quem faltou ventura, *in.*
- 68 * Vede quão pouco posso, que não basto, *in.*
- 21 * Verdes e altos vales e alta serra, *in.*
- 109 Virgem fermosa que do sol vestida
Vid. *Bom Jesus*, p. 93: *Fermosa Virgem*
que do Sol vestida.

*

Resumindo quanto êste *Indice* bernardiano razoado contém de importante para os problemas que estamos a ventilar, estabelecço que entre os cento e catorze Sonetos diversos, quer colleccionados em 1577 de diversas fontes manuscritas, quer vindos juntos, de vez, da metrópole a Goa, há trinta e oito que foram publicados como obras suas pelo próprio Bernardes. Nas *Flores do Lima*, a maior parte, a minoria nas *Rimas Varias ao Bom Jesus* (1). E pelo outro lado fica certo que havia na collecção numerosos *Inéditos*, provavelmente para sempre perdidos. ¿Esquecidos, ou desprezados? ¿porque pertenciam à época juvenil em que aquelle, que já era um suave bucolista, ainda não caía bem na forma concisa e acrisolada do Soneto? Alguns eram meros esboços, brincados, de ocasião, como uns quatro em dialecto galego. Instantâneos; e de modo algum feitos para se conservarem à face do mundo — *aere perennius* (2).

Estão nesse caso uns cinqüenta. Quási metade. E como entre os outros géneros representados no *Cancioneiro* há também composições não admitidas, nem nas *Rimas ao Bom Jesus*, nem no *Lima*, nem tampouco nas *Flores do Lima*, devemos reconhecer — reconhecer só em alguns casos, supor nos demais — que o poeta era juiz rigoroso para as produções da sua Musa.

(1) Só quanto a um dêles é duvidoso se era idêntico o colleccionado pelo Padre ao publicado por Bernardes.

(2) De erros de prosódia nos versos iniciais nada digo, porque podem ou devem ser em grande parte erros de copistas.

Aspirava à perfeição. Entendia dever dar ao público apenas selecções. Redacções em que empregara engenho e arte, *limae labor*, evitando repetições de assuntos e talvez de formas.

Entre os desprezados e perdidos há naturalmente alguns que podiam servir de refôrço aos argumentos contra Faria e Sousa. P. ex. *Doces aguas do Tejo*, porque fala evidentemente contra a afirmação falsa de Bernardes não haver estado à beira do Tejo, nem haver cantado as suas águas.

Dez dos Sonetos que êle tornou públicos em 1594 e 1596, foram ainda assim usurpados por Faria e Sousa e D. António Álvares da Cunha e metidos entre os de Camões.

Além dêsses — declarados indirectamente por dignos do Poeta — há mais vinte e cinco também desprezados pelo suave cantor do Lima que, segundo o fanatismo e a megalomania obcecada de Faria e Sousa, êle «furtara descaradamente ao grande Vate, juntamente com numerosas Églogas, Elegias, Redondilhas como as Oitavas do *Poema de Santa Ursula*». Ao mesmo Vate genial, aos pés do qual, como já lembrei ao leitor, modesto e grato, êle desejara dormir o último sono, e de quem exactamente na época dos supostos furtos disse :

¿ Quem louvará Camões, que ele não seja?
¿ Quem não vê que cansa em vão engenho e arte?
Ele se louva a si só, em toda parte!
E toda parte ele só enche de enveja!

Quem juntos num espirito ver deseja
Quantos dões entre mil Febo reparte,
Quer ele de amor cante, quer de Marte,
Por mais não desejar, ele só veja!

Honrou a patria em tudo. — Imiga sorte
A fez com ele só ser encolhida,
Em premio d'estender d'ela a memoria :

Mas se lhe foi Fortuna escassa em vida,
Não lhe pode tirar depois da morte
Um rico emparo de sua fama e gloria (1)

*

Volto pela última vez aos supostos furtos e plágios, para dar aos interessados a lista dos Sonetos todos que, atribuídos em 1577 a Bernardes no *Cancioneiro* do Padre Pedro Ribeiro, e em parte, em 1594 e 1596 pelo próprio nos seus *Florilegios*, foram ainda assim metidos nas *Rimas* de Camões, paulatinamente. A princípio talvez por mero engano, por realmente andarem em seu nome em manuscritos particulares, feitos com aquela incúria de que falei, e depois propositadamente, por Faria e Sousa, que os escolheu, porque eram dignos de Camões; *pareciam de Camões; deviam ser de Camões; podiam ser de Camões; só podiam ser de Camões.*

Dois tinham entrado logo em 1596 na edição-príncipe, a-pesar-do cuidado de Soropita (2). Oito foram acrescentados em 1598 (3). Mais cinco em 1616 (4). Dezanove, por Faria e Sousa, antes de 1645, e Alvares da

(1) Alusão à campa de mármore com honroso epitáfio que lhe fez D. Gonçalo Coutinho — venerador de Camões e de Bernardes.

(2) N.ºs 38 e 93 da Lista *infra*.

(3) N.ºs 42, 44, 45, 47, 52, 82, 83 e 89.

(4) N.ºs 43, 51, 64, 85 e 88.

Cunha em 1668 (1). A última, pelo Visconde de Juro-
menha (2).

Dêsses trinta e cinco apenas três figuram duas vezes
no *Indice*, tanto no bernardiano como no camoniano,
mostrando que já em vida dos dois poetas começaram
atribuições erróneas.

T. Braga enganou-se todavia ao colocar nesta cir-
cunstância quinze Sonetos (3). São apenas os seguin-
tes, como o leitor dêste estudo pode verificar com pe-
queno trabalho :

- 1) Já a saudosa aurora destoucava
N.º 50 do *Indice de Bernardes*
Já a roxa e branca aurora destoucava
N.º 2 do *Indice Camoniano*
- 2) Quem vos levou de mim, saudoso estado
N.º 53 do *Ind. Bern.*
Quem vos fez perder, saudoso estado
N.º 51 do *Ind. Cam.*
- 3) Todo o animal na calma repousava
N.º 49 do *Ind. Bern.*
Todo o animal na calma repousava
N.º 1 do *Ind. Cam.*

(1) N.ºs 11, 15, 17, 31, 48, 53, 55, 59, 63, 72, 103 e 104 em 1668.
— N.ºs 2, 3, 10, 12, 16, 39, 54, 73 (100) em 1685. — ¿Será preciso
lembrar ao leitor que Faria e Sousa morreu, sem ter publicado
as *Rimas* comentadas, e que D. António Álvares da Cunha conhe-
ceu e aproveitou os manuscritos do polígrafo?

(2) N.º 84.

(3) *Obra Lyrica*, p. 143-144.

Bernardes não acolheu nenhum dos três nas suas obras, a-pesar-de serem belos e acabados. Devemos por isso admitir, sem hesitar, que houve engano da parte do Padre P. Ribeiro ou de quem lhe remeteu os textos.

Dá-nos direito à suposição não sòmente a universal sentença *Errare humanum est*, mas em especial o factò já mencionado de o Padre haver metido entre a colheita de Bernardes outro produto de seara alheia: o Soneto *Traida en sacrificio Policena*, autenticado como *estudo* de Sá de Miranda por numerosos manuscritos e tôdas as edições dêsse iniciador(1). Já tive de dizê-lo mais acima.

Eis agora a lista dos trinta e cinco Sonetos, atribuídos a Bernardes no *Cancioneiro* de 1577, mas posteriormente a Luís de Camões, por editores das *Rimas* dêsse Príncipe dos Poetas do seu tempo: em 1595 por Soropita; 1598 por Estevam Lopes; 1616, por Domingos Fernandez; 1668, por D. António Álvares da Cunha; 1668, por Faria e Sousa; 1860, pelo Visconde de Juromenha.

31 *Á borda de um ribeiro que corria* — 1668

Com a variante *Na margem... que fendia*. — FLORES, N.º 46. — FARIA E SOUSA, 249.

52 *A perfeição, a graça, o grave aspecto* — 1598(2)

85 *A terra, o ceo, o vento assossegado* — 1616

Com a variante *O ceo, a terra*. — FARIA E SOUSA, 282.

(1) Vid. Ed. C. M. de Vasconcellos, N.º 94 (p. 79 e 759).

(2) Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*.

- 113 *Alá en Monterey em Bal de Lassa* — 1668
- 47 *Aquela que de pura castidade* — 1598
- 2 *Aqui de longos males breve historia* — 1685
FLORES, N.º 2. — FARIA E SOUSA, p. 290.
- 82 *Bem sei amor que é certo o que receio* — 1598
- 51 *Cantando estava um dia bem seguro* — 1616
FARIA E SOUSA, 279.
- 64 *Claras e doces aguas do Mondego* — 1616
FARIA E SOUSA, 232: *Doces e claras.*
- 44 *Com grandes esperanças ja cantei* — 1598
- 54 *Contente vivi já vendo-me isento* — 1685
FARIA E SOUSA, 351. — No *Cancioneiro*
F. Tomás f. 150 v. é atribuido a
CAMÓES.
- 43 *Correm turvas as aguas deste rio* — 1616
FARIA E SOUSA, 217.
- 3 *Chorei e cantei ja a cruel guerra* — 1685
FLORES, N.º 3. — FARIA E SOUSA, 286: *Já.*
- 17 *De mil suspeitas vans se me alevantam* — 1668
FLORES, N.º 70. — FARIA E SOUSA, 217.
- 38 *Depois de tantos dias mal gastados* — 1595
FLORES, N.º 78.

- 45 *Depois que o fero amor quis que eu passasse*—1598
Com a variante *Depois que quis amor*.
- 59 *Doces lembranças minhas do passado*—1668
- 48 *Fermosos olhos em que quis natura*—1668
Com a variante *Olhos fermosos*.
- 63 *Ja não sinto, senhora, os desenganos*—1668
- 88 *Julga-me a gente toda por perdido*—1616
FARIA E SOUSA, 253.
- 84 *Memorias ofendidas que um só dia*—1861
No *Canc. L. Franco*, de onde JROMENHA O tirou, é realmente atribuido a CAMÓES.
- 11 *Mil vezes determino não vos ver*—1668
FLORES, N.º 14: *Se cuido de perdido não vos ver*.—FARIA E SOUSA, 218(1).
- 93 *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*—1595
- 89 *No tempo que de amor viver soía*—1598
- 39 *Novos casos de amor, novos enganos*—1685
FLORES, N.º 77.—FARIA E SOUSA, 203.
- 72 *Onde porei meus olhos que não veja*—1668.
FLORES, N.º 73.—FARIA E SOUSA, 209.

(1) O considerar como meras variantes os dois textos é hipótese minha.

- 73 (e 100) *Os olhos por quem eu em fogo ardia* — 1685
Bom Jesus, p. 132. — FARIA E SOUSA,
295: *Os olhos onde o casto amor
ardia* (1).
- 104 *Porque me fai amor inda aca torto* — 1668
- 42 *Quando de minhas magoas a comprida* — 1598
- 55 *Quando se vir com agua o fogo arder* — 1668
FARIA E SOUSA, 247.
- 12 *Quantas penas, amor, quantos cuidados* — 1685
FLORES, N.º 25.
- 83 *Quem fosse acompanhando juntamente* — 1598
- 53 *Quem vos levou de mim, saudoso estado* — 1668
FARIA E SOUSA, 352.
- 16 *Se lagrimas choradas de saudade* — 1685
FLORES, 13. — FARIA E SOUSA, 324.
- 15 *Tanto foram, senhora, acostumando* — 1668
FLORES, 8. — FARIA E SOUSA, 259.

(1) Na lista dos erros vê-se que T. Braga me enganou e por mim enganou T. Cannizzaro, dizendo a p. 143 do seu *Camões* que este Soneto tinha dupla attribuição no *Cancioneiro* de 1577. — O que êle tem de especial é ser attribuído no *Canc. F. Tomás* ao coleccionador e poeta Estevam Rodrigues de Castro. — Na realidade foi feito para servir de Epitáfio à sepultura de D. Ângela e como Epilogo à Canção que êle dedicara à morte dela (p. 128).

Entre estes Sonetos, os que T. Braga designou erroneamente como aparecendo em ambos os *Indices* são os seguintes: *Bem sei* (82); *Já não* (63); *Julga-me* (88); *No tempo* (89); *Onde porei* (72); *Os olhos* (73); *Quem fosse* (83) (1).

Como, a-pesar-do seu vasto saber e real perspicácia, os dois intérpretes soberanos de Camões, esforçados em estabelecer o indispensável *Canon* das *Rimas* dêle, erraram bastas vezes, por falta de acribia filológica, excessiva fantasia, e seu *parti-pris* contra Bernardes, julgo do meu dever registar os erros.

Faria e Sousa p. ex. que tantos versos lera e colacionara não reconheceu que, fora dos Sonetos que já registei, entraram na categoria dos duvidosos — ou no pensar dêle pertenciam ao pecúlio arrancado pelo plagiário e falsário ao *Parnaso* de Camões — mais os onze seguintes, que não figuram no duplo *Indice* do Padre Pedro Ribeiro e portanto não faziam parte do *Cancioneiro* de 1577.

Ar que de meus suspiros vejo cheio

FLORES, 61. — CAMÕES, 1668 e 1685
(p. 208).

Brandas aguas do Tejo que passando

FLORES, 27 e F. TOMÁS, f. 33; CAMÕES,
1668 e 1685 (p. 203).

Eu me aparto de vos, Ninfas do Tejo

FLORES, 26. — CAMÕES, 1595 (N.º 61).

(1) Cfr. T. Braga, *Epoca, Vida e Obra*, 143-144.

Horas breves de meu contentamento

FLORES, 75 e F. TOMÁS, f. 22 v. — CAMÕES, 1668 e 1685 (289). — *Flores de Poetas Ilustres* de ESPINOSA (1600); *Lusitania transformada*, Livro I, *Prosa* 126 (p. 143). — Como *alheio* está nas *Rimas* de FALCÃO DE RESENDE, p. 435. Como de MIRANDA num manuscrito visto por FARIA E SOUSA. Como do Infante D. LUIS nos códices eborenses CXII e CXIV; naquela *Biblioteca Lusitana* em que nos foi transmitido o *Indice*; na de BARBOSA MACHADO; na *Fenix Renascida*, III, 252; nos *Apostegmas* de SUPICO e nos *Apontamentos* do Padre FRANCISCO DE SANTA MARIA. — BALTASAR ESTAÇO nada diz acêrca da lição que glosou. — Vid. C. M. DE V., *Sonetos e Sonetistas*, p. 50-61.

Hum firme coração posto em ventura

FLORES, N.º 20. — *Cancioneiro Juro-menha*, f. 122. — CAMÕES, 1668 e 1685 (p. 207).

Já do Mondego as aguas aparecem

FLORES, N.º 30. — *Canc. F. Tomás*, f. 52. — CAMÕES, 1668 e 1685 (p. 205).

Las peñas retumbaban al gemido

FLORES, N.º 68. — CAMÕES, 1668.

Os meus alegres dias venturosos

Bom Jesus, p. 147. — CAMÕES, 1685
(p. 287).

Pois torna por seu rei e juntamente

FLORES, N.º 115 (p. 80). — CAMÕES, 1685
(p. 306).

Que doudo pensamento é o que sigo

FLORES, N.º 79. — CAMÕES, 1668 e 1685
(p. 206). — Em 1577 foi atribuído
apenas a CAMÕES, e não a BERNARDES
(como se diz a p. 149 e 191 do
Camões de T. BRAGA).

Se quando vos perdi, minha esperança

FLORES, N.º 142. — CAMÕES, 1595 (N.º 61).

Há portanto ao todo dúvidas e controvérsias a respeito de três, mais trinta e cinco, mais onze — *summa summarum* quarenta e nove Sonetos.

Finalmente vou rectificar com o maior laconismo possível outros erros de T. Braga relativos ao *Cancioneiro* de 1577, notificando em primeiro lugar que na transcrição do *Índice* há, além de deturpações do texto, dois saltos. A p. 140 falta (entre *O filho de Latona* e *Que é isto*) o Soneto *Num bosque que de ninfas se habitava*; e a p. 141 (entre *Que me queres* e *Quem jáz*) o que principia *Se a fortuna inquieta e mal olhada*. Do grupo *Quem vos levou* até *Mudam-se* (p. 143-144), nem um só Soneto se achava transcrito duas vezes no *Cancioneiro*, conforme tive de dizer já mais de uma vez.

As Eglogas *Despois...*, *Enchem...*, *Parece-me* não figuram no *Cancioneiro* de 1577, embora o facto se assevere a p. 145.

O Soneto *Doces aguas do Tejo* nunca foi attribuido a Camões, que eu saiba.

Na lista das Eglogas contidas no *Cancioneiro* (p. 163) falta, depois de *Limiano*, a afamadíssima que principia *Agora Alcido enquanto o nosso gado*.

Impossivel é dizer, se a Egloga *Al largo campo del famoso rio* (a XVIII do *Lima*) é a mesma que no *Cancioneiro*, sobrescritada *Fenisa*, começava *Al fertil campo de la gran ribera*.

O Soneto *Num jardim adornado de verdura* não estava no *Cancioneiro* de 1577 (p. 166).

Quanto a *Já a saudosa aurora* falta-lhe a nótula que realmente êsse está repetido nas duas listas (p. 175).

Com relação ao texto *O ceo, a terra*, etc., não há indicação de que está em nome de Diogo Bernardes (p. 181).

Do Soneto *Que doudo pensamento* (p. 191) já ficou dito que está unicamente com a autoria de Camões.

A Anotação 20.^a de p. 190 pertence a *Já do Mondego* e não a *Já claro vejo*.

O Soneto *Doce contentamento* entrou nas *Rimas* de Camões no ano de 1666 (p. 180).

Brandas aguas (143, 148 e 188) não figurava no *Cancioneiro* como obra de Bernardes.

Ar que de meus suspiros é, conforme já indiquei, N.º 61 e não N.º 17 das *Flores do Lima* (p. 188).

Os olhos onde o casto amor ardia, anda no *Bom Jesus* (e não nas *Flores*).

Pelo contrário, *Os meus alegres venturosos dias* (p. 196) não vem nas *Flores do Lima*, mas sim no *Bom Jesus* (p. 14).

Aqueles claros olhos que chorando (p. 207) só entrou na edição de Juromenha (N.º 317).

Das Redondilhas que impressas por Bernardes nas *Flores* entraram ainda assim logo na edição-príncipe das *Rimas* de Camões :

A dor que minha alma sente (159)

Sem vos e com meu cuidado (157)

assim como das que Faria e Sousa usurpou, de cujos manuscritos passaram à edição de Juromenha, não há lista no *Camões* de T. Braga. São as sete seguintes :

Em tudo vejo mudanças

FLORES, 129.

Lgrimas dirão por mim

FLORES, 127.

Ora cuidar me assegura

FLORES, 200.

Por uns olhos que fugiram

FLORES, 144.

Prazeres, que me quereis

FLORES, 128.

S'espero sei que m'engano

FLORES, 182.

Tal estoy despues que os vi

FLORES, 199.

*

2. ELEGIAS, CANÇÕES, ÉGLOGAS

Das quinze composições classificadas de *Elegias*, *Epístolas* (13) ou *Capítulos* de Bernardes no *Índice*, cinco me parecem ter ficado inéditas. Cinco, respectivamente seis. São as que marco com asterisco na lista seguinte :

- in.* * Aquella grande furia que receio
Aquella verdadeira penitente *
Cantava Alcido um dia ao som das aguas
Divino espirito, como te não move
- in.* * Doce alma amorosa, doce espirito
Duvidosa esperança, certo medo
Eu de vos que direi Virgem sagrada
• La sierra fatigando de contino
Não porque a algum bem tenha esperança
- in.* * Ornava Eliso o tumulo da bela
Por cumbres y por valles sin camino
- in.* * Pues aquel grande amor que me tuviste
Quam docemente agora aqui cantava
- in.* * Quando su escuro manto y tenebroso
Que coração tão duro, que vontade.

Duas delas, tratadas de *Elegias* unicamente pelo motivo exterior de serem escritas em *terça-rima* e narrativas, e não em diálogo, são realmente *Églogas* e como tais andam no *Lima: Quam docemente* (*Egloga V: Marilia*) e *Cantava Alcido* (*Egloga XIV: Sylvia*), essa mais suave, branda e affectuosa de tôdas as suas bucólicas, e por isso enaltecida entre os conterrâneos,

p. ex. nas *Ribeiras do Mondego* de Eloy de Sá (1), e, em Espanha, no *Laurel de Apolo* de Lope de Vega.

Á secção das verdadeiras *Elegias*, insertas nas *Flores do Lima*, pertencem três: *Por cumbres* (I); *Duvidosa esperança* (III) (2); *Não porque* (V). Duas figuram desde 1594 nas *Rimas ao Bom Jesus: Eu de vos — Que coração*.

Nas *Rimas* de Camões entrou uma por descuido de Domingos Fernandes (1616): *Duvidosa*. E por culpa de D. António Álvares da Cunha entraram as duas já citadas como impressas nas *Flores do Lima (Por cumbres — Não porque)*.

Verdadeiramente problemática é apenas a marcada de asterisco à direita. Isto é a que, salvo êrro, se refere à bíblica *Madalena* como protótipo das penitentes, cantada por poetas portugueses da época áurea, e pintada por artistas italianos.

Incapaz ainda por falta de materiais bibliográficos de 1500 de solucionar os enigmas todos que se ligam às *Elegias* e *Homilias* da *Madalena*, direi o pouco que sei — como contribuição elucidativa aos problemas de autoria.

Há um Soneto de Sá de Miranda que principia quasi como a *Elegia* de Bernardes

A vossa verdadeira penitente

e é epigrafado, explicitamente como nenhum outro, *A uma Elegia ou Capitulo de Francisco de Sá de Meneses*

(1) Livro II, f. 35 v. e 36.

(2) *Incertas esperanças*. — Das *Elegias* de Bernardes tratei na *Zeitschrift*, VII, 494-530, e IX, 360-373, publicando as importantes variantes que colhi no *Cancioneiro Juromenha*.

que *lhe mandou amostrar seu irmão Antonio de Sá e era Capitulo sobre a Madanela a maneira de Italia* (1).

Poderia essa Elegia haver começado muito bem com o verso *Aquela verdadeira penitente* e, enviada também a Bernardes, igualmente apografada por êle, ter sido considerada como obra sua.

Vejamos todavia o mais que consta a respeito de Elegias, Homilias, ou Capítulos da Madalena.

Do Soneto de Miranda deduzo que o D. Francisco, conhecido como poeta do Rio Leça, ilustre filho do grande «pai das Musas» que se chamava João Rodrigues de Sá e Meneses, escrevera uma *Elegia da Madalena* — moralizadora ou semi-religiosa evidentemente — que era paráfrase ou tradução livre de um original latino de um Gregório. E essa só pode ter sido uma das *Homilias* de Gregório de Nazianço.

A *Madanela e Francisco de Sá* SENIOR (2) torna a aparecer no *Indice do Cancioneiro* (a f. 193) num verbete que contém os versos iniciais de duas Elegias que, salvo êrro, se referem igualmente a Madalena.

Quanto à que principia

A Madalena o seu esposo busca

(ou *buscava*), não há que duvidar. A outra

Oh bom Jesus e porque me não vejo

(1) N.º XXI das *Poesias* (p. 81 e 760), com três variantes na epígrafe. — A *Anotação* que redigi em 1880 claro que é insufficiente hoje, e deve ser substituída.

(2) *Senior*, como está no registo marginal, era exactamente o amigo e adepto de Sá de Miranda — tio de D. Francisco *Junior* que publicou em 1637 a *Malaca Conquistada*. Na epígrafe há, pelo contrário, uma epígrafe abreviada *opto* que não sei interpretar. Nunca li que D. Francisco fôsse chamado *o prêto*.

é costume designá-la como *Elegia da Alma* ou de uma *Alma devota a seu esposo*.

A D. Francisco de Sá e Meneses atribui essas Elegias (II, 249) o autor da *Biblioteca Lusitana*, dizendo que em ela se narra como a Madalena, tendo ficado à beira do sepulcro de Jesus Cristo, foi por isso dignada de ser a primeira pessoa que o viu ressuscitado em traje de hortelão. Mas confundindo *Meneses* e *Miranda* atribui-as também ao Solitário da Tapada (II, 254) — factio freqüente que não nos deve perturbar.

Dá-se todavia o caso de *A Elegia* ou *As Elegias da Madalena* — que até aqui vimos atribuídas a Bernardes, Meneses e Miranda — aparecerem conferidas a outros Quinhentistas notáveis, em manuscritos e em impressos relativamente temporãos. Sobretudo a D. Jorge da Silva, o célebre conselheiro de D. Sebastião que o acompanhou a África. Não somente num *Cancioneiro de Evora* (1) (CXIV-1-17) — o publicado por Victor Hardung — mas sobretudo em edição de 1551 (reimpressa em 1554 e 1589), raríssima, mas de que exactamente agora — no Leilão Ameal — apareceu um exemplar (2).

A êle são conferidas também, sem especificação, duas Elegias *A Madalena*, na *Bibl. Lus.*, II, 818(3).

(1) P. 15 e 16. — T. Braga imprimira partes da *Elegia* na sua *Hist. Cam.*, II, 307. — Veja-se *Bibliografia Crítica*, p. 226.

(2) Veja-se *Catalogo Ameal*, N.º 2235, 2236 e 2237 (*Livro da Paixão de Jesu Cristo*, com Licença de Fev. de 1551). — Cfr. *Inocência*, IV, 175 e 333, e XII, 184.

(3) Cada uma das Elegias consta de 32 tercetos. — No frontispício da *Homilia*, reproduzido em foto-zincogravura, há (num entabolamento artístico cujas colunas são duas figuras femininas sem braços, e cimalha de cujo frontão sai Deus-Padre e em cujos extremos há a esfera armilar e o brasão português) o cálix e o

E em quinto lugar a Simão da Silveira (II, 722), o culto adorador de D. Guiomar Henriques, de quem se conservam anedotas e bons-mots.

¿Que concluir daí? Que Barbosa Machado se enganou infinitas vezes, já o sabemos. Mas as attribuições no *Cancioneiro* de 1577, as do próprio Jorge da Silva, e as de Sá de Miranda devem ter base positiva.

Teremos de admitir, como já tornei provável, que se trata de nacionalizações de Homilias do Padre da Igreja Gregório de Nacianzo — ¿em *Justa poetica* porventura, como foi a das Relíquias de S. Roque, e como fôra a de Alcalá de Henares à Senhora da Conceição em que Miranda ganhou o prémio (1)?

A Elegia IX do Dr. António Ferreira sôbre o mesmo assunto *Aquela a quem foi muito perdoado porque amou muito* é independente das outras.

*

Das quatro Epístolas *Ay de mi, Contaria, Buelve, Mil cosas*, em versos de oito sílabas, nada sei dizer. Creio fôsem bagatelas inéditas desprezadas pelo próprio autor. *Cantigas* provavelmente.

Quanto às Canções e Odas que o *Indice* attribui a Bernardes, há entre elas uma, muito bela, que entrou

título *Omelia do santissimo sacramento*. Depois dessa (f. 2-29) segue-se, de f. 30 a 36, a *Carta do mesmo Autor escrita a hua alma devota, persuadindo-a a tomar o sanctissimo Sacramento ao menos spiritualmente desta maneira conversando Christo nosso senhor entrar pola chagua do lado na contemplaçam da essencia divina*. E de f. 37 a 40 há a *Elegia da alma deuota a seu esposo* (108 versos).

(1) N.º 98 e 99.

logo a princípio nas *Rimas* de Camões e nunca mais saiu delas, ocupando mesmo sempre o lugar de honra, como primeira e melhor de tôdas. É a Ode à Lua

Detem um pouco, oh Musa, o largo pranto

imitação livre ou quasi tradução da que Bernardo Tasso, pai de Torquato, dedicara, antes de 1543, *A Diana*, dando-lhe o princípio

Pon freno, Musa, a quel sì lungo pianto (1)

Bernardes não a publicou. Porisso, suponho que o Padre Pedro Ribeiro a recebeu, quer autógrafa de Límiano, quer apógrafa mas com a errada attribuição, e iludido a tomasse por obra dêle.

As restantes quatro, também nunca impressas como obras de Bernardes, parecem perdidas:

- * Aqui vivi num tempo alegremente
- * Bem pudeas inda que de enganós
- * Passando vou ora um, ora outro monte
- * Pastora mia, mas blanca y colorada

Passo às *Églogas*, que, como sabem todos os que se ocupam de Camões-Lírico, foram objecto de discussões encarniçadíssimas.

Do próprio Bernardes possuímos umas vinte, publicadas por êle naquela parte das suas composições que denominou *Lima*, e é constituída por *Eglogas* e *Cartas*. Repito que como autor especialmente de Idílios, suave e brando, era apreciado pelos coevos em tôda a península, proclamado Príncipe no género pastoril por Lope

(1) Vid. Storck, III, 331.

e entre nós por Severim de Faria, que dizia não conhecer superior no estilo pastoril. Também já disse que Barbosa Machado o dá por autor de 26 Églogas (1).

De Luís de Camões, pelo contrário, existem apenas oito Églogas, colhidas em 1595 por Soropita.

Príncipe dos poetas em absoluto e sobretudo como épico, merece o mesmo título no campo dos Sonetos, na Canção, na Ode e nas Redondilhas — como autor de *Sobolos rios que vão*, e dúzias de Cantigas e Endechas gentilíssimas.

Para o género bucólico todavia, embora comovido escrevesse a expressiva Égloga fúnebre de *Umbrano e Frondelio e Aonia*, e a apaixonada de *Almeno e Agrario* (2), tem ao todo demasiada elevação, profundeza, erudição e elegância.

Por isso mesmo, as Églogas de Camões não foram acolhidas em Florilégios e Silvas poéticas (3).

Estavam suplantadas no gosto dos amadores pelas de Bernardes, tão ingenuamente affectuosas e de rústico sabor.

Nem há inéditas perdidas, ao passo que de Bernardes aparecem os versos iniciais de bastantes desprezadas, e repetições das conhecidas.

Êste estado de coisas era intolerável para um fanático camonista como Faria e Sousa, empenhado em

(1) Êrro de cálculo, seguramente. Contando mesmo as quatro perdidas do *Cancioneiro* de 1577, só chegaríamos a 24.

(2) Desta Égloga se extraiu uma formosa *Elegia* sôbre as propriedades do amor, em estilo nobremente áulico.

(3) Ê unicamente no *Cancioneiro Luis Franco* — começado em 1557 — e logo no principio da collecção — que aparecem, além de Églogas de Miranda, D. Manuel de Portugal e Diego de Mendoza, algumas de Luís de Camões. E são a 1.ª, 2.ª e 3.ª

provar a absoluta soberania do *Seu Poeta*. *Seu Poeta* que, de mais a mais, ao enviar da Índia a Lisboa, em 1554 ou 1555, a mais perfeita das suas Églogas, inspirada em profunda mágua pelo falecimento do Príncipe D. João e a perda de D. António de Noronha, seu jovem amigo e discípulo — a já mencionada de *Umbrano e Frondelio* — havia empregado, na Carta em prosa que acompanhava a remessa, a expressão que essa lhe parecia ser *melhor que quantas fiz*.

Interpretando que forçosamente quem tal dizia pensava em uma colecção copiosa — copiosíssima — e que essa devia constar de vinte e quatro Églogas pelo menos, o fantasioso advogado de Camões foi às de Bernardes e escolheu nelas as que mais sabor camoniano possuem. São cinco, hoje constantemente publicadas nas *Rimas* de Camões (1), e embora algumas se passem na região do Lima e tenham quer um Limiano, quer um Alcido por protagonista, êle afirma no Comentário que realmente deveria haver-se apossado de catorze ou quinze, deixando a Bernardes apenas as que são de estilo humilde e baixo (2)!

Se se contentou com cinco:

Agora, Alcido, enquanto o nosso gado
DELIO, ALCIDO, GALASIO, XII

Depois que o leve barco ao duro remo
PALEMON, IX

(1) Desde que T. J. de Aquino editou em 1779 o Vol. VI das *Rimas* comentadas por Faria e Sousa, que ficara inédito em 1689.

(2) *Rude, frio, baixissimo, miserável* — A sua teoria cifrava-se em dar a Camões tudo quanto encontrava *con sombra de suyo*.

Encheo do mar azul a branca praia
MELISO, X

Parece-me, pastor, se mal não vejo
ANZINO e LIMIANO, XI

Pascei, minhas ovelhas : eu enquanto
PHYLLIS, XIII,

¿ foi porque só essas encontrou num manuscrito que era quasi todo de obras de Camões (1) ?

¿ Em nome dêle ? De modo algum.

Com a sem-ceremónia e a fúria de afirmar que o distingue, e a sua fé na falta de critério do benigno leitor pátrio, revela que nem tôdas — ¿ talvez nenhuma? — iam rubricadas como *De Luis de Camões*. — *No todo tiene su nombre* e em outro sitio — *IX a XIV estan sin nombre alguno!*

Voltando à expressão de Camões que a Égloga *Aonia* era melhor *que quantas fix*, pergunto ¿ de que outra fórmula poderia o Poeta haver-se servido, mesmo se apenas havia lançado até 1554 umas quatro ou três ? ¿ e não poderia ela aludir a censuras que o amigo crítico havia feito a êsses ensaios ? *Quantas é ainda assim modo de dizer mais forte que as outras, as mais que até hoje fix*.

Entre as doze Églogas que o *Índice* regista como obras de Bernardes, apenas oito são das que êsse publicou no seu *Lima*, e entre tais oito há duas das

(1) Além dessas, o polihistor usurpara também a Égloga XV *A morte de Caterina de Ataide*, de Francisco de Andrade; e a XIV rubricada como *D. B. R.*

cinco que Faria e Sousa usurpou antes de 1645 e o Padre J. Th. de Aquino tirou em 1779 dos manuscritos guardados no Convento da Graça.

As restantes quatro ficaram inéditas, perdidas, desprezadas a meu ver, como os Sonetos de que falei, e algumas das Canções e Elegias que tinham entrado no *Cancioneiro* de 1577. São as que marco de asterisco e *in(édito)*.

Três são autenticadas pelo nome *Limiano*.

Só quanto à que tem a epígrafe *Fenisa*, nem essa, nem o verso inicial dá a conhecer qual é o nome do protagonista.

Agora, Alcido, em que (*sic*) o nosso gado
DELIO, ALCIDO, GALICIO — *Lima*, III,
LIARDA — CAMÓES, XII.

in. * Al fertil campo de la gran ribera
FENISA

Cantemos, mi Tireno, aqui cantemos
MENANDRO e TIRENO — *Lima*, XIX —
JUROMENHA, f. 60.

in. * Como dormes, Menandro, descansado
SILVIO, MENANDRO, FRANCO, LIMIANO

Dize-me, rudo cabreiro, este rebanho
FERNANDO, RODRIGO, INÊS — *Lima*, IX
— JUROMENHA, f. 27.

Junto del claro Lima, dulce rio
FENISA — *Lima*, VII: NISE — JUROMENHA, f. 21 v.

in. * *Limiano (sic)*, do mar a longa praia
CELIA

in. * Mientras que Limiano en las ondas
LIMIANO

Num solitario vale, fresco e verde
Lima, II — *Canc. F. Tomás*, 86-89

Pascei, minhas ovelhas: eu enquanto
FILIS e MARILIA — *Lima*, IV — CAMÕES,
XIII — JUROMENHA, 31 v.

Ves aquela agua saudosa e branda
ALPINO e LIMIANO — *Lima*, VI — JURO-
MENHA, f. 18 v.

Viste quando hoje abriu, oh Melibeu
SILENO e MELIBEU — *Lima*, VIII: JOANA
— JUROMENHA, f. 23 v.

Da importante *Cancioneiro Juromenha*, que em valor pouco o cederia ao do Padre Pedro Ribeiro, tirei em tempos as variantes que os seus textos oferecem (1).

*

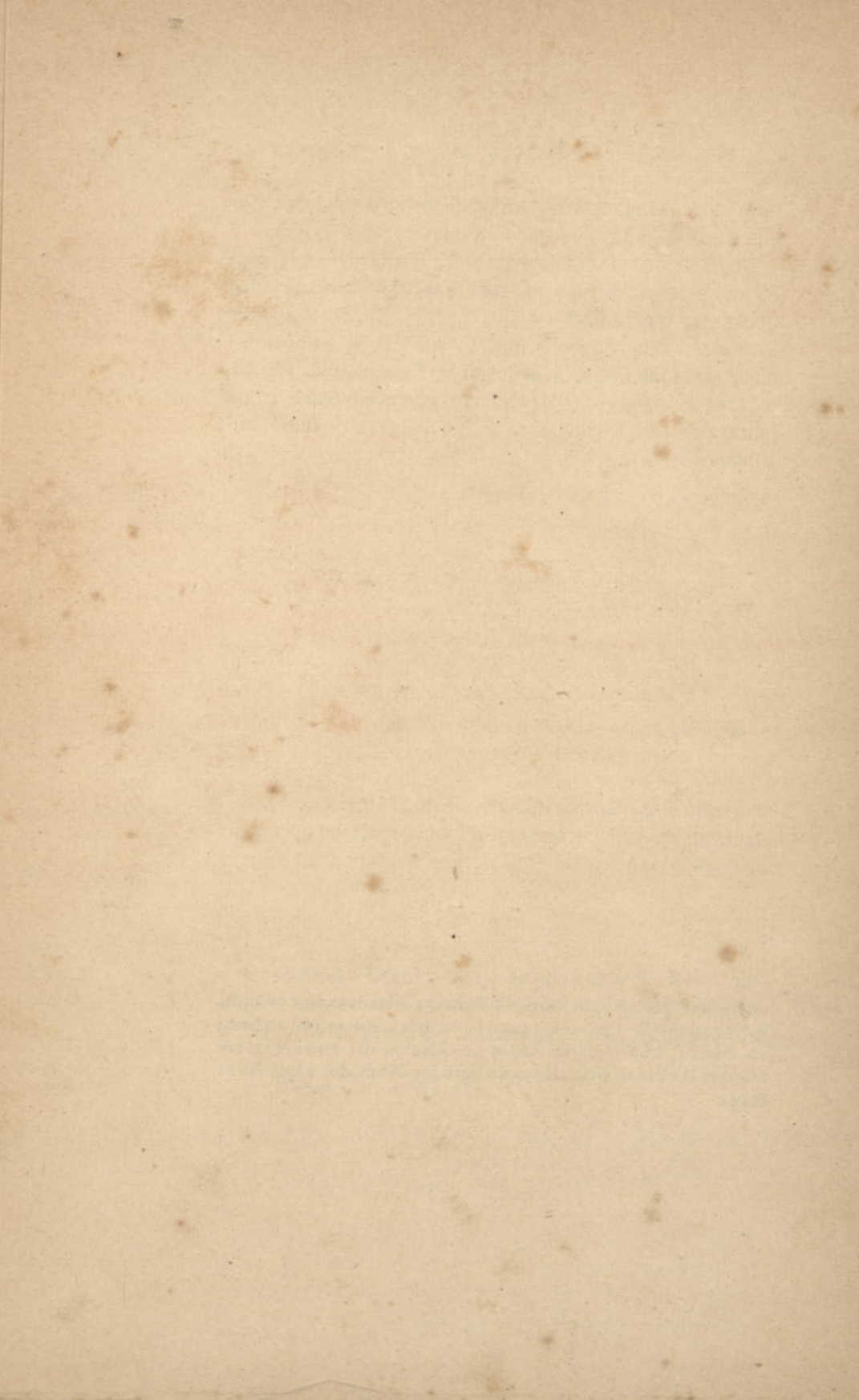
Resumindo, fixemos que marquei com asterisco, como inéditos, nas minhas listas alfabéticas, 5o Sonetos, 5 ou 6 Elegias, 4 Canções, 4 Cantigas e 4 Églogas. Ao

(1) *Zeitschrift*, VII, VIII, IX.

todo um pecúlio bem grande de 68 composições por entre 150 ou 152 (abatendo-se duas repetições)(1).

Suprimindo tanta obra juvenil, Bernardes foi, conforme já notei, um censor bem severo — característico oposto às qualidades vis que Faria e Sousa lhe quis imputar. Dos Sonetos não foram 27 os publicados nas *Flores do Lima*, mas 32; e as Églogas não são 26, mesmo se às 12 que realmente merecem êsse título juntarmos as 13 Elegias que em parte têm feitiço bucólico.

(1) Nas duas Notas finais de T. Braga, relativas aos inéditos de Bernardes (p. 146) — as quais se completam e se contradizem ao mesmo tempo — quasi todos os cálculos são errados, como errados já tinham sido alguns de Barbosa Machado, a que êle se cingiu.



VIII

LISTA ALFABÉTICA DOS VERSOS DE LUÍS DE CAMÕES CONTIDOS NO «CANCIONEIRO»

1. SESSENTA E TRÊS SONETOS (1)

- 64 * A sombra se mostra aqui dentro desta eça (*sic*)
44 Alegres campos, verdes arvoredos — 1595
10 Alma minha gentil que te partiste — 1595
40 Amor com a esperança ja perdida — 1595
7 * Apartava-se Enone do lugar
13 e 36 Apartava-se Nise de Montano — 1595
49 Aquelles belos olhos que chorando (2) — 1861
30 Busque Amor novas artes, novo engenho — 1595
37 Cara minha inimiga em cuja mão — 1595
20 Como fizeste, Porcia, tal ferida — 1595
57 Debaixo desta pedra está metido — 1595
21 * De só dentro em minha alma vos trazer
61 * Do grão tesouro que hora vejo e noto
19 Em fermosa Letea se confia — 1595
35 Está o lascivo e doce passarinho — 1595
48 Em flor vos arrancou d'então crescida — 1595

(1) A lista de ordem tem sessenta e quatro. Mas um está repetido (*Apartava-se*).

(2) Aquelles claros o. q. ch.

- 41 Este amor que vos tenho limpo e puro — 1668
50 * Estremos diversos, diversos pensamentos
14 Eu vivi ja de lagrimas isento (1) — 1668
45 Ferido sem ter cura perecia — 1598
18 Fiou-se o coração de muito isento — 1598
32 Gram tempo ha que soube da ventura — 1595
4 Indo o triste pastor todo embebido — 1668
12 * Ja amor dava lugar que o pensamento
2 Ja a saudosa aurora destoucava — 1598
43 Lembranças saudosas, se cuidais — 1595
25 * Mostrando o tempo está variedades
16 Num bosque que de ninfas se habitava — 1595
15 O filho de Latona esclarecido — 1616
24 O raio de ouro fino se estendia (2) — 1598
9 Para quê querês senhora que padeça (3) — 1595
63 Para se namorar do que formou — 1616
29 Pensamentos que agora novamente — 1598
5 * Penando esperei, se acabaria
38 * Qual grave delincente condenado
42 Quando cuido no tempo que contente — 1668
27 Quando o sol encoberto vai mostrando — 1595
55 Quando vejo que meu destino ordena — 1595
34 Quantas vezes do fuso se esquecia — 1595
22 Que doudo pensamento é o que sigo (4) — 1668
17 * Que é isto que na alma sento, se não é amor
58 Que me quereis, eternas saudades — 1598
55 Que poderei do mundo ja querer — 1598
60 Quem jaz no grão sepulcro que descreve — 1595

(1) Eu vivia d. l. i.

(2) O raio cristalino.

(3) Porquê quereis, senhora, que ofereça.

(4) *Flores do Lima*, 79.

- 47 Quem quiser ver d'amor uma excellencia — 1598
45 Quem vê, senhora, claro e manifesto — 1595
51 Quem vos fez perder saudoso estado (1) — 1668
3 Razão é já que minha confiança (2) — 1595
59 Se a fortuna inquieta e mal olhada — 1668
8 Se alguma hora em vós a piedade (3) — 1595
46 Se as penas que por vós, dama ingrata (4) — 1595
28 Se depois de esperança tão perdida — 1598
23 Se quando vos perdi, minha esperança (5) — 1595
56 Senhora desta alma minha perdoai (6) — 1668
6 * Senhora minha, se a saudade
31 Sempre a razão vencida foi do amor — 1616
62 Sete anos de pastor Jacob servia — 1595
26 Suspiros inflamados que cantais — 1598
11 * Tam confuso estou no sentimento
33 Tantô do meu estado me acho incerto — 1595
1 Todo animal da calma repousava — 1595
50 Tomava Daliana por vingança — 1595
52 Transforma-se o amator na cousa amada — 1595
56 Vós que habitais nos rios, oh Naiades (7) — 1595

Doze — os assinalados com asteriscos — nunca foram impressos. Mas não por serem rejeitados pelo próprio autor. Dos restantes 51 a maior parte figura na edição-príncipe (os trinta mais belos). Depois vem a segunda impressão de 1598, com dez. A edição de 1616 está

(1) Quem vos levou.

(2) Já é tempo, já que minha confiança.

(3) Se sômente hora alguma e. v. a p.

(4) Se as penas com que amor tão mal me trata.

(5) *Flores do Lima*, 142.

(6) Senhora já d. a. p.

(7) Naiades vós que os rios habitais.

representada com três. A de Álvares da Cunha, com oito. A de Juromenha, com só um texto. Dos dois que entraram em 1596 nas *Flores do Lima*, já falei.

As Elegias e o Capítulo não dão margem a observações. Tôdas são autênticas: quatro entraram logo na edição-príncipe; uma, *Se quando*, na de 1616; outra (*Que novas*), na de 1668.

O mesmo vale das Canções e da Ode: tôdas estão impressas desde 1595. Vale também das Epístolas, das Redondilhas e das Églogas (1), e de uma das Sextinas. A outra (*Tão suave*) parece inédita e perdida.

Em todo o caso, a autenticidade inquestionável de noventa formosíssimas peças líricas de Camões, colecionadas pelo Padre Pedro Ribeiro ou recebidas de vez de Lisboa, autentica também em teoria as de Bernardes e as dos poetas menores, embora em bastantes casos haja dúvidas e enganos, como continuo a expor.

Lástima é que se perdesse uma dúzia.

(1) T. Braga erra dizendo que só há três registadas no *Indice*.

IX

OBSERVAÇÕES SÔBRE ALGUMAS DAS OBRAS DE POETAS MENORES REGISTADAS NO «ÍNDICE»

Devo dizer de novo o que indiquei no Capítulo primeiro. Exactamente como na lista bernardiana, algumas das atribuições na lista dos poetas menores são inexactas. Embora o Padre goense recebesse tôdas de boa fonte, vinham tão erradas como corriam na capital: as honras de autor eram tributadas às vezes a meros coleccionadores que as haviam trasladado. Já o disse quanto ao Soneto de Sá de Miranda *Traida en sacrificio Policena*, metido entre os de Bernardes; a Ode *Detem um pouco, oh Musa, o largo pranto*, que, sendo de Camões, também figura na lista do rival. Mostrei também como surgiram dúvidas a respeito das *Elegias* ou *Homílias da Madalena* — *Aquela verdadeira penitente* — *A ti meu bom Jesu que ofendi tanto* e *A Madalena o seu esposo busca*, etc.

Quanto ao resto, exemplificarei com Sonetos de *Hero e Leandro*, muito do agrado dos Quinhentistas. Também com alguns que sendo de imitadores de Camões, pertencem à classe dos que chamo apócrifos camonianos — erguidos a clássicos, por terem saído menos mal aos autores — e foram acolhidos por Faria

e Sousa nas *Rimas* de Camões, com retoques realmente aformosentadores.

É o que aconteceu aos dois Sonetos do bem intencionado mas pouco jeitoso D. Manuel de Portugal: *Dulces engaños* (N.º 616) e *Los ojos* (N.º 188 da edição Juromenha).

A Canção — mais correcto seria dizer a Cantiga dêle — *Pues que para mereceros*, tirei-a eu do *Cancioneiro Juromenha* e publiquei-a na *Zeitschrift* (1). A Elegia *Aquella voluntad* encontra-se no *Cancioneiro Luis Franco*, repartida em duas parcelas (2). Três autenticações de composições registadas no *Índice*.

Quanto a *Álvaro Rebêlo*, já ficou dito mais acima que Barbosa Machado catalogou como obras dêle os Sonetos 1 e 4 dos registados no *Índice* (3). Outros dois dêles são (2 e 3) de Diogo Bernardes (56 e 116 da Lista). Como nunca fôsem impressos fica incerto se êsse Rebêlo copiou versos de Limiano, ou se Bernardes trasladou os do adepto, porventura com o propósito de os incluir na *Silva Poética* planeada. — O segundo Soneto da lista, que principia *Verdes campos alegres, graciosos*, é provàvelmente primeira redacção do que com a variante *Alegres campos verdes delectosos* foi entremetido por Faria e Sousa na Centúria III (N.º 3) de Camões, por nêle se brincar gentilmente com a fatídica flor do *Bem-me-quer, Mal-me-quer*.

Três textos duvidosos, entre nove, — que são todo o pecúlio seu — claro que não predispõe favoravelmente a respeito dos restantes, e do seu autor. Mas, em-

(1) Vol. VIII, p. 599.

(2) O princípio a f. 135 v. e o fim a f. 67.

(3) *Cos olhos em Rugiero Bradamante* e *A mão celeste do pintor divino*.

quanto não se descobrirem mais indícios, teremos de suster o nosso juízo.

Luis de (ou da) Vitória é outro autor com quem igualmente nunca me encontrara, a não ser na *Biblioteca Lusitana* (1), num artiguito audaciosamente construído sôbre a base dos cinco Sonetos que lhe são atribuídos no *Cancioneiro* de 1577. — Êles constituem juntos um *Poema* relativo a *Hero e Leandro*, redigido em língua castelhana, mas se não me engano, obra de um Português. Um dos muitos poemas que inspirou aos Renascentes da península o admiravelmente conciso Epigrama de Marcial

Dum peteret dulces audax Leander amores,

mais do que o formoso trecho das *Heroidas* de Ovidio. Como que ao desafio Garcilaso, Boscan, Cetina, Herrera; Miranda, Montemor, Bernardes, Camões e outros o transpuseram em Sonetos (2).

O inicial (¿ do Vitória?), em que deve haver o nome do protagonista, é diverso do que conheço como tal, e diz — *anónimo* —

*Hero del alta torre do mirava
A su Leandro,*

uma vez que (ou digamos se realmente) principia

Tan sin concierto assy se embravecia (3).

(1) Vol. III, p. 158.

(2) A *Bibliografía española de Leandro y Hero* de Menendez y Pelayo (*Antología*, XIII, p. 359 a 378), composta de 63 números, entre os quais catorze são portugueses, ainda é susceptível de acrescentos e de retoques.

(3) Suponho ser variante, talvez lição estrofiada.

Os outros quatro são idênticos aos que, colhidos no *Cancioneiro Juromenha*, dei a conhecer em 1884 na *Zeitschrift* (1), demonstrando que o primeiro já passava em 1557 por *Soneto velho*, e era um dos predilectos dos Quinhentistas, tanto de cá como do país vizinho, onde o acolheram no *Cancionero General* (2).

Quanto ao Soneto inicial, devo ainda notar que a rima *embravecia* aparece na lição do *Canc. General* no verso sexto: *con gemidos el viento embravecia*; comprovando a minha conjectura de ser mera variante. Êle foi publicado como obra de Camões no *Parnaso* de 1880 (3), por estar no manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa que T. Braga explorava então!

¿ Por ser elegante, ou por lhe lembrar outro Soneto de Leandro que realmente é do Poeta :

Seguia aquele fogo que o guaiava,

e outro de Bernardes que diz :

Leandro em noite escura indo rompendo (4) ?

¿ Quem será êsse Vitória ? —

Cesse, señora, ya tú dura mano. — Anónimo no *Can-*

(1) Vol. VIII, 443 e 615.

(2) F. 400 v. — Vol. II, p. 620: N.º 314 e 315 dos *Poemas Nuevos* na edição dos Bibliófilos. — Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*, N.º 47.

(3) N.º 377. — Em lição muito parecida com a do *Cancionero General*. — Vid. *Zeitschrift*, V, p. 401.

(4) No tratado sôbre *Sonetos e Sonetistas* — *Revue Hispanique*, XXII (1910) — chamei a atenção para outro Soneto de Camões a D. Simão da Silveira, em resposta de outro seu pelas mesmas consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro poeta que escreveu sôbre Hero e Leandro (N.º 57).

cioneiro Luís Franco, (f. 119 v.), mas de D. Simão da Silveira no *Índice*, amigo e correspondente poético de Camões, êle foi usurpado por Faria e Sousa (N.º 229) (1).

Muitas mais poesias estão registadas, a meu ver, incorrectamente.

Entre as *Elegias* há, além das *da Madalena*, de que já disse quanto basta, outras quatro duvidosas.

Uma em louvor da vida rústica que principia *Buelue, Filis hermosa*, citada no *Índice* entre as composições de Simão Rodrigues da Veiga, e a êle attribuída por Barbosa Machado (2), tive-a eu de publicar entre as *Poesias* de Sá de Miranda (3), tendo-a tirado da *Miscelanea* (não do *Cancioneiro*) *Juromenha*, inclinando-me todavia a dá-la a *Sá de Meneses*, por motivos externos e internos, e não a D. Manuel de Portugal, em cujo nome está no *Cancioneiro Juromenha* (f. 42).

Outra que começa *Olvidado de mi* (ou *de ti*) é classificada no *Índice* como de D. Francisco de Portugal, filho do Conde de Vimioso, sendo seguramente do mesmo *Sá de Meneses*, como expliquei no Comentário às *Poesias* de Miranda, entre as quais figura em alguns códices (4).

(1) C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas*, N.º 57.

(2) Vol. III, 722, por causa do *Cancioneiro* de 1577. — Em outro sítio (II, 249) a *Sá de Meneses*. Cfr. *Juromenha*, III, 340, e *Zeitschrift*, VIII, p. 442. Miranda, p. 865, 749 e 750. A êsse também a attribue um códice de Évora. — Vid. Barata, *Cancioneiro Geral*, p. 199.

(3) N.º 171, com Comentário a p. 865 e 886.

(4) N.º 170, com explicações a p. 865 e 886 relativas à confusão entre *Sá de Miranda* e *Sá de Meneses*.

A terceira, dirigida ao *Bom Jesus*, parece ser de Diogo Bernardes (II). Pelo menos começa como essa *A ti, meu bom Jesu, que ofendi tanto* (1). Não pode ser portanto de Martim de Crasto do Rio, que porventura a copiaria por muito lhe agradar.

Da quarta, *Saiam desta alma triste e magoada*, como obra suposta de Fernão Álvares do Oriente, metida entre as de Camões (2), ocupei-me no meu *compte-rendu* da tradução de Storck (3).

Alheio é provavelmente também o Soneto fúnebre em diálogo *Que levas, cruel morte? — Um claro dia*, a que já me referi por os comentadores o haverem relacionado erroneamente com a Infanta D. Maria. Metido entre os de Camões em 1598, é dado no *Índice* como do Duque de Aveiro.

Da *Égloga Menalcas e Ergasto* e do seu autor Gaspar António, nada sei. Nem tampouco de António de Moraes como autor de uma Elegia. Dos *Ecos* ditos de Bernardim Ribeiro, acrescentos talvez de um admirador à *Égloga III de Silvestre e Amador*, em substituição dos que acompanhavam a Fôlha-Volante marcada com a data 1536, falei alhures (4).

Dos Sonetos que o Dr. António Ferreira construiu em linguagem do tempo de D. Denis — interessado como era pela poesia trovadoresca e pela prosa do *Amadis* (5) — e da confusão que cedo começou entre o rei de Portugal D. Pedro, — o Regente, — e seu filho,

(1) *A Jesu*. — Vid. *Zeitschrift*, VIII, 443.

(2) Barbosa Machado, III, 414.

(3) *Zeitschrift*, VII, 526: *Elegia XX*.

(4) Na *Quarta Nota Vicentina* e na *Menina e Moça*.

(5) Vid. *Canc. da Ajuda*, II, p. 125.

o Condestável que chegou a ser Rei de Aragão(1), assim como dos textos arcaizantes que pseudo-críticos atribuíram aos três, já falei, e tornarei a falar em outra parte.

Útil será, contudo, estabelecer também aqui que as fábulas relativas p. ex. a Vasco Lobeira, contidas na *Biblioteca Lusitana*(2), estavam também *in nuce* no *Cancioneiro* de 1577.

E incompletas como são as *Nótulas* dêste Estudo parecem-me suficientes para provar que o *Cancioneiro* de 1577 não se distinguia quanto à sua factura dos outros que tenho analisado e caracterizado — sendo notável todavia pelos ricos materiais que continha a respeito de Luis de Camões e Diogo Bernardes.

(1) ¿Será preciso lembrar que as poesias menores dêsse D. Pedro, publicadas no *Canc. Geral*, III, 546, foram editadas por Pereira Caldas numa esplêndida impressão, como da lavra de Pedro o Cruel?

(2) Passaram para lá das diversas obras de Faria e Sousa. No artigo *Vasco Lobeira* (III, 776) Barbosa Machado diz apenas que o Infante D. Pedro lhe dedicou um Soneto, que se pode ler na *Fuente de Aganipe* e nas obras de Ferreira.



ÍNDICE

Introdução	1
CAPÍTULO I — Cancioneiros Portugueses	15
» II — O <i>Parnaso</i> de Luís de Camões.....	31
» III — Os supostos plágios.....	41
» IV — O Padre Pedro Ribeiro e o seu Cancioneiro	49
» V — O <i>Índice</i>	59
» VI — Reprodução diplomática do <i>Índice</i>	65
» VII — Índice alfabético e razoado das poesias de Diogo Bernardes que estão registadas no <i>Índice</i>	83
» VIII — Lista alfabética dos versos de Luís de Ca- mões contidos no <i>Cancioneiro</i>	119
» IX — Observações sôbre algumas das obras de poetas menores registadas no <i>Índice</i> . ..	123

BK 2002

EDIÇÕES
DA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

BIBLIOTECA DE ESCRITORES
PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicado :

BERNARDIM RIBEIRO e CRISTOVÃO FALCAO. — *Obras*. Conforme a ed. de Ferrara. Edição preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. 2 vols.

Em papel de linho. 60\$00

No prélo :

SILVIA DE LISARDO.

LIVRO DAS CANTIGAS D'AMIGO. — Colecção de poesias dos seculos XII, XIII, e XIV, organizada e prefaciada pelo Dr. José Joaquim Nunes.

SÉRIE C)

No prélo :

P. ANTONIO VIEIRA. — *CARTAS*. Ed. revista e anotada pelo Sr. Lucio de Azevedo.

Fr. HEITOR PINTO. — *Imagem da vida christã*. Rev. e pref. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Julio Dias da Costa.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS. — *Memorial das proezas da segunda Tavola redonda*. Conforme a 1.^a ed. Rev. pelo Dr. Alberto Feio.

Em preparação :

ALMEIDA GARRET. — *Discursos parlamentares*.

RUY GONÇALVES. — *Dos privilégios e prerogativas que o genero feminino tem por direito comū e ordenações do reino mais que o género masculino*.

RODRIGUES LOBO — *Eglogas*.

BALTAZAR ESTAÇO. — *Sonetos, Canções e Eglogas, e outras rimas*.

ESTEVÃO RODRIGUES DE CASTRO. — *Rimas*.